

# PRINCÍPIOS DA COLONIZAÇÃO EUROPÉIA NO SUL DO BRASIL

Leo Waibel

(Publicado na Revista Brasileira de  
Geografia n.º 2, Ano XI, abril/  
junho de 1949).

# REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XI

ABRIL - JUNHO DE 1949

N.º 2

## PRINCÍPIOS DA COLONIZAÇÃO EUROPÉIA NO SUL DO BRASIL \*

LEO WAIBEL

De cem anos passados para cá, desde que a importação de escravos da África foi proibida por lei, a colonização tem sido considerada um dos problemas fundamentais do Brasil. Nestas condições, seria de esperar uma rica bibliografia sobre colonização e de presumir que todos os fatos sobre ela fossem bem conhecidos. Entretanto, não é esse o caso. E' verdade que muito se tem escrito, especialmente em alemão — tanto na Alemanha como no Brasil — sobre colônias individuais e sobre alguns aspectos gerais da colonização. Mas a maior parte desta literatura é de caráter popular e carece de fundamento científico. Os autores brasileiros que têm escrito sobre colonização estão freqüentemente mais interessados no problema: “devemos colonizar ou não?” ou “devemos estimular a imigração ou não?” do que realmente no processo da colonização em si. Contudo, a menos que todos os fatos relativos à colonização sejam conhecidos e representados de maneira objetiva, nem o govêrno nem o público poderão formar uma idéia clara sobre esse magno problema nacional.

Foi essa a razão porque propus que se faça um “Atlas da colonização do Brasil”. Deverá êle mostrar, com documentação cartográfica, todos os fatos sobre a colonização e os fatores com ela relacionados. Muito material valioso para esse atlas tem sido preparado e acumulado nos vários departamentos estaduais de terras e colonização e está aguardando apenas a coleta, classificação e interpretação. Além disso, é necessário obter experiência e observações pessoais em tôdas as áreas colonizadas, a fim de se conseguir um conhecimento de primeira mão sobre a colonização no Brasil, seus êxitos e seus malogros.

Durante quase três anos, eu e um grupo de jovens geógrafos brasileiros vimos estudando a colonização do Brasil no gabinete e no campo. Sou especialmente grato a ORLANDO VALVERDE, que me acompanhou em tôdas as minhas excursões e muito contribuiu para

\* Ampliação de um trabalho apresentado em duas reuniões especiais promovidas pelo Conselho Nacional de Geografia no Rio de Janeiro, em dezembro de 1948. Traduzido por ORLANDO VALVERDE.

o êxito do meu trabalho. Creio que já é tempo de sintetizar de "maneira preliminar" as nossas observações, idéias e conclusões sobre o tipo de colonização que é o mais significativo, a colonização européia do sul do Brasil.

O nosso modo de encarar o problema da colonização será do ponto de vista geográfico, salientando as relações entre a terra de um lado e as atividades do colono do outro. A paisagem cultural criada pelo colono, é o nosso tema principal. Os outros aspectos da colonização, tais como a história e as condições jurídicas, religiosas, sociais e políticas, serão mencionadas somente na medida que estiverem relacionadas com a paisagem cultural.

O termo "colonização européia" empregado aqui não se refere ao estabelecimento do sistema de latifúndios pelos antigos povoadores portugueses, mas aos processos pelos quais, durante cerca de 120 anos, uma classe de pequenos proprietários rurais de origem européia está tomando posse de terras e estabelecendo comunidades próprias.

Entendo por "sul do Brasil" os três estados mais meridionais do país: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Deixo de incluir o estado de São Paulo, ao contrário do que o fazem os geógrafos brasileiros, porque suas condições climáticas, econômicas e sociais são diferentes.

### CONDIÇÕES NATURAIS

Excluindo-se a área ondulada da parte meridional do estado do Rio Grande do Sul, o Brasil meridional consiste de três regiões: os planaltos do interior, as serras ou escarpas que constituem a encosta íngreme a leste e ao sul do planalto, e o litoral, uma área estreita de baixada que se estende ao longo da costa.

No estado do Paraná, o planalto consiste de três níveis ou andares diferentes. Atrás da grande escarpa, ao longo da costa, estende-se o chamado primeiro planalto, que é composto de rochas cristalinas e forma uma região suavemente ondulada, com altitudes entre 800 e 900 metros. Aí está localizada a capital do estado, Curitiba. Para oeste segue-se o segundo planalto, que é constituído de sedimentos paleozóicos; mergulham eles suavemente para oeste e formam uma *cuesta* voltada para leste com uma altitude relativa de cerca de 200 metros. A superfície do planalto forma, por conseguinte, uma espécie de teto achatado que descamba moderadamente dos 1100 metros a leste até cerca de 700 metros a oeste. Aparece então o terceiro planalto, que é composto por derrames mesozóicos de diabásio e basalto, formação denominada *trapp*, da qual se deriva, no norte do Paraná, a famosa e muito fértil terra roxa. O terceiro planalto também forma uma *cuesta* voltada para leste com uma altitude de cerca de 1100 metros acima do nível do mar e um teto achatado com declive para oeste, que desce a 500 e 300 metros de altitude ao longo do vale do rio Paraná. Este rio e os seus afluentes em seus cursos inferiores cor-

taram profundos *cañons* no terceiro planalto, enquanto no segundo e mais ainda no primeiro planalto, formam vales largos e achatados. Sòmente a parte nordeste do primeiro planalto é drenada por rios que, em vales íngremes e estreitos, correm diretamente para o Atlântico.

A situação topográfica em Santa Catarina é bastante diferente. Aí, tôda a área cristalina que corresponde ao primeiro planalto do estado do Paraná e grande parte do segundo planalto foram dissecadas por rios que correm para leste tornando-se uma região montanhosa muito irregular, à qual dificilmente se pode aplicar o nome de serra do Mar. Os rios são mais longos e os seus vales, especialmente no curso superior, são mais largos que os da serra do Mar do estado do Paraná. Isto é especialmente verdadeiro em relação ao Itajaí, que drena uma área de cêrca de 15 000 quilômetros quadrados. O planalto paleozóico ocupa sòmente uma faixa estreita, ao passo que o planalto de *trapp* cobre cêrca de 3/4 de área planáltica do estado.

No Rio Grande do Sul existe apenas um planalto, composto de *trapp* (basaltos, meláfiros, etc.); tem uma altitude média de cêrca de 800 a 1 000 metros a leste, 500 a 600 metros na parte média e 300 a 100 metros a oeste, ao longo do rio Uruguai. Para leste, a escarpa do planalto forma uma encosta única, para o sul, para a profunda depressão do rio Jacuí, ela consiste de vários terraços estruturais, nos quais os afluentes do Jacuí cortaram vales profundos, que nos contrafortes da serra são acompanhados por largos terraços fluviais.

Situado entre as latitudes de 24 e 34 graus sul, o Brasil meridional possui aquêle tipo de "clima subtropical" que se encontra em condições semelhantes no lado oriental dos continentes. A precipitação vai de 1 300 a 1 500 milímetros e é regularmente distribuída através do ano, com um máximo pronunciado no inverno. A água é abundante por tôda parte.

Em contraste com as precipitações, a temperatura varia consideravelmente de acôrdo com a latitude e a altitude. Pode-se distinguir três faixas diferentes de temperatura, que eu gostaria de classificar com os têrmos usados pelos espanhóis na América tropical e subtropical.

No litoral do estado do Paraná e na extremidade norte do litoral de Santa Catarina temos condições de temperatura que se assemelham às da *tierra caliente* tropical. E' uma baixada quente e úmida, na qual a malária e outras moléstias tropicais são difundidas. Embora o inverno seja mais fresco do que o verão, a geada é desconhecida e aí pode-se cultivar tôdas as árvores de frutas tropicais, com exceção do cacaeiro.

No litoral sul de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul, bem como nos vales das serras e planaltos até uma altitude entre 400 e 500 metros, temos o tipo de clima ou faixa de temperatura da *tierra templada*. Aí, os verões também são quentes. Mas no inverno ocorrem geadas noturnas esporádicas mesmo no nível do mar. Devido à

drenagem do ar e à inversão de temperatura, as geadas são mais frequentes e mais fortes nas baixadas e nos vales do que nas encostas, em altitudes mais elevadas. Por esta razão, a cana de açúcar, que aqui está perto do limite polar de sua distribuição, evita as baixas terras aluviais com seus solos férteis e cresce nos terraços mais altos e nas montanhas até uma altitude entre 400 e 500 metros. Mas a planta realmente característica desta região é a laranjeira, que é abundante por toda parte, em torno das residências rurais. O clima é muito mais saudável aqui do que na *tierra caliente* e a malária é menos frequente.

Dos 400 ou 500 metros para cima, as condições de temperatura mudam quase abruptamente. O verão ainda é muito quente, especialmente durante o dia, mas no inverno, de abril a novembro, as geadas ocorrem com frequência e são muitas vezes tão severas (— 5° a —7° C) que acarretam danos consideráveis às lavouras e causam desconforto aos animais e à gente. A cana de açúcar e as laranjas são substituídas por plantas cultivadas da zona temperada, tais como pêras, maçãs, trigo, centeio, batata inglesa, etc., e na vegetação natural aparece o pinheiro (*Araucaria sp.*). Em vastas áreas, especialmente nos planaltos do Paraná, o povoamento e as vias de comunicação, em virtude da inversão de temperatura, estão localizados nas elevações mais altas e nos divisores de águas, enquanto nos vales, onde o ar frio se acumula, a mata original, rica em araucárias, tem sido aqui preservada. Esta é a *tierra fría*, que cobre todos os planaltos do sul do Brasil, acima de uma altitude de cerca de 300 metros no Rio Grande, 400 a 500 metros em Santa Catarina e 500 a 700 metros no Paraná. No norte do Paraná, o seu limite inferior fica entre os 800 e 900 metros; como aí a maior parte dos planaltos tem altitudes inferiores àquele limite, situam-se na *tierra templada*. É esta uma das razões pelas quais o norte do Paraná é uma importante região produtora de café.

A “vegetação” do sul do Brasil consiste de dois tipos principais: as densas matas sempre verdes que, excluindo as araucárias, são compostas de árvores tropicais de folhas laminares, e campos limpos, que fisionômicamente se assemelham às estepes das zonas temperadas.

As matas latifoliadas perenes cobriam outrora o litoral, as serras e todas as encostas íngremes dos vales dos planaltos com clima de *tierra templada*. O solo dessas florestas é uma argila vermelha, com uma camada castanho-escura de húmus na superfície; é, por isso, muito apreciado pelos colonos, embora ocorra em declives inclinados e frequentemente muito pedregosos. Nas áreas de *tierra fría* dos planaltos, as árvores sempre verdes de folhas laminares estão misturadas com araucárias altas, que em muitos casos constituem formações quase puras. Nestas matas do planalto, os solos também são geralmente vermelhos, com exceção das terras roxas do norte do Paraná e de algumas áreas limitadas do sul do Paraná. Entretanto, o solo superficial não é castanho-escuro, porém vermelho-escuro, e os colonos consideram este tipo de solo como in-

ferior ao das encostas florestais, embora seja muito mais fácil de arar e cultivar.<sup>1</sup>

Os campos naturais cobrem talvez um terço ou um quarto dos planaltos do sul do Brasil; como são desprovidos de árvores, são chamados "campos limpos". Estes campos limpos subtropicais são, contudo, muito diferentes dos campos limpos tropicais. Enquanto



Fig. 1 — A profundamente dissecada serra cristalina a oeste de Joinville em Santa Catarina. "Tierra templada" com mata latifoliada perene inalterada. É esta a paisagem natural na qual foram instaladas as antigas colônias alemãs. 20-V-947.

estes são constituídos por gramíneas altas e duras, que crescem em tufos separados uns dos outros por manchas de solo desnudo, nos campos limpos do Brasil meridional, além das gramíneas altas e duras crescem muitas gramíneas baixas e tenras, que cobrem o solo de maneira contínua e formam uma espécie de relva, semelhante às pradarias das zonas temperadas, submetidas também a um clima úmido. Ao longo dos rios do campo limpo, estendem-se matas ciliares de araucárias e árvores de folhas laminares e perenes. Em outras áreas, contudo, além destas florestas de galeria, há muitas manchas pequenas de mata nas depressões rasas, bem como nas encostas. Este tipo de vegetação repartido entre mata e campo, a primeira geralmente excedendo o segundo, pode ser denominada "vegetação mista de mata e campo".

A distribuição das matas, dos campos e da vegetação mista é muito irregular e estamos longe de compreender todos os fatores nela envolvidos. Mas um fato é claro: os campos ocorrem geralmente em

<sup>1</sup> Os luso-brasileiros também compreendem a diferente qualidade do solo dos dois tipos de mata. Classificam a terra coberta pela mata latifoliada como "terra de cultura", ao passo que a terra revestida pela floresta de araucária chama-se "terra caíva". Caíva é uma palavra tupi que significa "terra pobre de mata".

terras planas, freqüentemente nos divisores de águas onde uma topografia senil foi preservada, ao passo que as florestas ocupam as encostas mais íngremes dos vales, assim como as áreas acidentadas do



Fig. 2 — Campos limpos a leste de Ponta Grossa (Paraná). 23-4-948.

planalto e as serras. Isto sugere a significação das condições físicas do solo (água, conteúdo de ar) na distribuição dos principais tipos de vegetação.

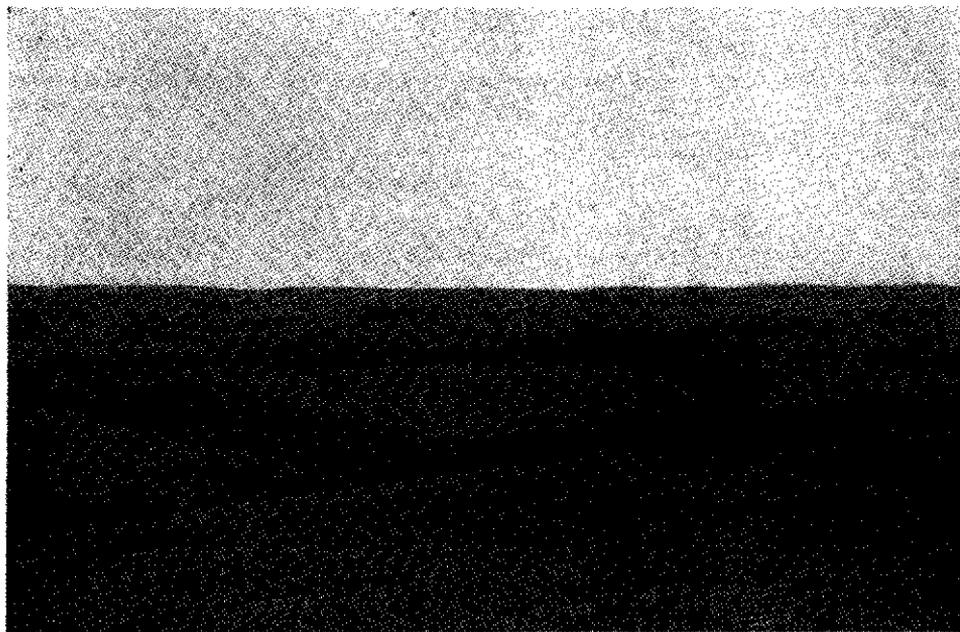


Fig. 3 — Vegetação mista de mata e campo, a oeste de Tibaji (Paraná).  
(Foto Nilo Bernardes). 1-V-948.



Os solos dos Campos Gerais no estado do Paraná são lixiviados, arenosos e ácidos, pobres em elementos nutritivos e matéria orgânica.\* Outros campos ocorrem em solos muito melhores e mesmo na terra roxa. Geralmente, entretanto, os solos de campo são menos férteis do que os solos de mata muito em contraste com a situação que se verifica na zona temperada. Apesar das muitas exceções a esta regra, o fato em si não pode ser discutido e tem sido claramente reconhecido pelos colonos europeus. Cêrca de 99,9% dessa gente estabeleceu suas casas e propriedades agrícolas na mata.

Nas áreas que eram outrora florestais, encontramos hoje em dia uma população de pequenos agricultores brancos, que juntamente com suas espôsas e filhos têm lavrado a terra e estabelecido lares de tipo europeu. Nos campos vizinhos vive o fazendeiro, de origem luso-brasileira, que cria bovinos e cavalos em grandes propriedades e tem como empregados negros e mulatos, descendentes de antigos escravos. Com freqüência, conservam um modo de vida quase medieval, de tipo feudal e aristocrático; consideram o colono laborioso como inferior, e são arrogantes e presunçosos nos seus contactos com êle.

Assim, a mata e o campo são dois mundos inteiramente diferentes no sul do Brasil. São diferentes quanto às condições naturais, tanto quanto às econômicas, sociais e raciais. No planalto ocidental do Rio Grande do Sul, êsses dois mundos diferentes se limitam por fronteiras nítidas e distintas, com intervalos de alguns quilômetros até 30 ou 50 quilômetros.

## I — COLONIZAÇÃO DAS TERRAS FLORESTAIS DO BRASIL MERIDIONAL. INÍCIO DA COLONIZAÇÃO

Quando o Brasil se tornou independente em 1822, julgou-se necessário dar mais ênfase à colonização das duas províncias mais meridionais, que estavam sujeitas a ataques dos argentinos pelo lado sul, e dos índios Botocudos pelo interior. As enormes florestas do sul do Brasil eram o domínio indiscutível dêsses índios. Os brancos não povoaram as matas, mas apenas as cruzaram rapidamente, ao longo de alguns caminhos de boiadeiros e de tropas. Dêstes, o mais importante era o que ligava em direção norte-sul, São Paulo a Pôrto Alegre ou Viamão, no Rio Grande do Sul. Um outro corria de Lajes, no planalto de Santa Catarina, na direção leste até a costa e Florianópolis. As pessoas e o gado que percorriam essas estradas eram freqüentemente atacados pelos índios.

O govêrno brasileiro resolveu colonizar essas matas, a fim de fazer retroceder ou eliminar os índios. Mas que espécie de gente deveria ser colocada nessas florestas densas e inacessíveis? Nem os luso-brasileiros, nem os colonos dos Açôres e da Madeira tinham mostrado até então qualquer interêsse em ir morar na mata; preferiam, sem dúvida, o campo aberto, onde podiam estabelecer suas estâncias e administrá-las com o auxílio de escravos negros. Ora, naquele tempo, o Brasil,

\* CARLOS BODZIAK JR. e REINHARD MAACK, *Contribuição ao conhecimento dos solos dos Campos Gerais no estado do Paraná*. Arquivos de Biologia-Tecnologia. Curitiba 1946. Vol. I. Art. 13.

por meio de tratados com a Inglaterra, já tinha concordado em abolir o tráfico de escravos, e a idéia do trabalho livre se impunha à consideração dos estadistas. O Brasil precisava de novo tipo de colonos, pequenos proprietários livres que cultivassem as terras de mata com o auxílio das respectivas famílias e que não estivessem interessados nem no trabalho escravo, nem na criação de gado.

O novo tipo de colono deveria ser tanto um soldado como um agricultor, para poder tanto defender sua terra como cultivá-la. Onde poderia ser encontrado êsse tipo de colono? Na Europa, naturalmente; e especialmente na Europa Central, onde soldados desengajados dos exércitos de NAPOLEÃO e camponeses pobres oprimidos estavam prontos a emigrar para qualquer país do mundo.

Assim, na década de 1820 estabeleceram-se as primeiras colônias alemãs no sul do Brasil, tôdas em lugares onde os caminhos de tropa e de gado entravam e saíam da selva.

Em 1824, a cêrca de 25 quilômetros ao norte de Pôrto Alegre, no vale inferior do rio dos Sinos, a uma altitude de cêrca de vinte metros, foi fundada a primeira colônia alemã, que recebeu o nome de São Leopoldo. A colônia logo se expandiu subindo os terraços e as encostas florestais da serra e dentro de cinco anos já contava cêrca de 5 000 habitantes, todos de origem alemã. Um grande número dos primeiros imigrantes eram artesãos, e assim, além da agricultura, a indústria em breve tornou-se importante e contribuiu para a grande prosperidade da colônia.



Fig. 4 — Praça principal da cidade de São Leopoldo. No centro, vê-se o fundo da igreja que defronta a ponte sobre o rio dos Sinos. O edifício grande à esquerda da igreja é o seminário. De acôrdo com a tradição germânica, a igreja e o seminário estão no centro da cidade.

(Foto Orlando Valverde — 948).

O mesmo não se pode dizer das outras duas colônias alemãs que foram fundadas em 1829. Destas, a colônia de Rio Negro era, a bem dizer, o correspondente geográfico de São Leopoldo. Foi fundada a uma altitude de 800 metros, sôbre o planalto interior, em ambas as margens do rio Negro, que hoje em dia separa o estado do Paraná do de Santa Catarina, no ponto em que o chamado caminho do Sul, de Pôrto Alegre e Vacaria a São Paulo, saía da região florestal e atravessava o rio. Esta colônia deveria garantir a entrada do caminho do Sul na mata, assim como São Leopoldo deveria garantir sua saída da serra florestal. Em contraste com São Leopoldo, porém, a colônia de Rio Negro era de difícil acesso e extremamente isolada. As primeiras 250 pessoas, que viajaram por terra do pôrto de Paranaguá até Rio Negro, não se seguiram novos imigrantes vindos da Alemanha, e a colônia cedo entrou em decadência. A atual florescente colônia alemã nas cidades-gêmeas de Mafra-Rio Negro não está relacionada com êsses primeiros imigrantes, mas com alemães que vieram muitos decênios mais tarde de Joinville, em Santa Catarina.



Fig. 5 — Mafra — Rio Negro, a mais antiga colônia européia no Paraná.

(Foto Nilo Bernardes. 14-5-943).

A terceira colônia alemã foi estabelecida no mesmo ano de 1829, no lugar onde o caminho de Lajes a Florianópolis alcançava a fronteira, isto é, saía da mata despovoada e entrava nas terras já ocupadas. Ficava a uma altitude de 250 metros no vale do rio Maruim, a cêrca de 25 quilômetros de Florianópolis. O nome da colônia é São Pedro de Alcântara. Não degenerou, como sucedeu com a antiga colônia de Rio Negro, mas até agora é um pequeno povoado bastante próspero, dependente do mercado vizinho de Florianópolis.

A história ulterior da colonização no sul do Brasil nos interessa apenas com respeito à expansão do povoamento, e ao tipo de colonização que foi aplicado em diferentes épocas e em diferentes áreas.

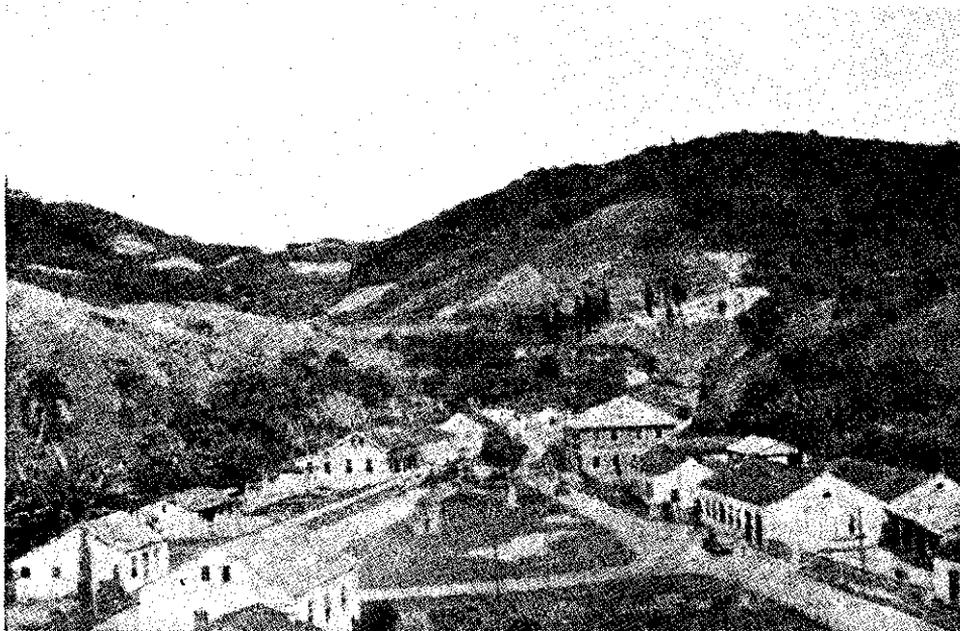


Fig. 6 — São Pedro d'Alcântara, a mais antiga colônia alemã em Santa Catarina. 10-V-947.

### Expansão do povoamento e tipo de colonização

Em contraste com os Estados Unidos, no Brasil quase não houve colonização espontânea. Logo, desde o princípio até hoje, a colonização no Brasil tem sido sempre organizada, planejada, subvencionada e dirigida por alguém: pelo governo federal, das províncias ou estados, e dos municípios, companhias particulares ou proprietários de terras individualmente. Por conseguinte, os métodos aplicados e os resultados alcançados diferem muito, de acordo com o tipo de colonização.

As três primeiras colônias eram "colônias federais", fundadas com grande despesa pelo governo imperial. Devido a uma súbita mudança na política imigratória em setembro de 1830, foi baixada uma lei proibindo qualquer despesa governamental que se relacionasse com a colonização de estrangeiros em qualquer das províncias do Império. Isto pôs termo à imigração alemã, fonte desses primeiros colonos, e eliminou praticamente a imigração e a colonização, até que em 1834 as províncias receberam a tarefa de promover a colonização.

#### Rio Grande do Sul

De 1835 a 1845, a província do Rio Grande do Sul foi agitada pela guerra civil que impediu a realização de qualquer projeto de colonização. Entretanto, logo que foram restabelecidas as condições normais, a província estabeleceu, entre 1849 e 1874, cinco colônias nas encostas florestais da serra. Estas colônias não foram uma expansão

continua para oeste de São Leopoldo, como seria de esperar, mas foram estabelecidas distante, a oeste do velho núcleo colonial. A colônia de Santa Cruz foi fundada em 1849, a cerca de 150 quilômetros a oeste de São Leopoldo, nos contrafortes da serra (50 metros) e na borda da mata. Ela se tornou uma das colônias mais prósperas do sul do Brasil, produzindo fumo como cultura comercial. Alguns anos depois (1855), foi fundada a cerca de 80 quilômetros a oeste de Santa Cruz, no vale do Jacuí, a colônia de Santo Ângelo.

A razão por que a província estabeleceu duas colônias tão longínquas, no oeste, foi não somente o fato de ser o curso inferior do Jacuí navegável, mas também que aí, na parte central, a altitude da serra é menor e a sua faixa de mata é mais estreita do que mais para leste. Isto quer dizer que as comunicações através da serra são mais fáceis, e o propósito claro destas duas colônias era o de abrir as comunicações e o tráfego entre a depressão do rio Jacuí e os campos do planalto.

A região da serra que fica entre São Leopoldo a leste e Santa Cruz a oeste, era, na década de 1850, uma enorme selva, na qual apenas alguns intrusos luso-brasileiros tinham penetrado. Flanqueada de ambos os lados por prósperas colônias européias, estas florestas atraíram então o interesse de especuladores e capitalistas, que ocuparam grandes áreas especialmente ao longo dos cursos do Caí e do Taquari. Agiram apressadamente, antes que a lei de 1850, que proibia a aquisição de terras por qualquer meio, exceto por compra, se tornasse efetiva em 1854. Cada um desses intrusos iniciou uma colonização particular por conta própria, dividindo a terra em pequenos lotes e vendendo-os aos colonos. Aí, tal como em Santa Cruz e Santo Ângelo, a massa da população foi constituída pela primeira geração de imigrantes provenientes de São Leopoldo e por novos imigrantes vindos da Alemanha.

A partir dos vales e terraços, os alemães foram subindo lentamente e ocuparam as terras íngremes das *cuestas*, bem como os vales intermediários. Por volta de 1870, toda a serra até as bordas do planalto estava nas mãos dos colonos alemães. Estes não estabeleceram colônias no planalto, embora aí o clima seja muito mais fresco e saudável que o dos vales e contrafortes da serra. Aparentemente, os pioneiros germânicos compreenderam logo que os solos das matas do planalto são menos férteis que os das florestas latifoliadas da *tierra templada* (ver p. 162). Por esta razão, na serra do Rio Grande do Sul, o limite superior da colonização alemã geralmente coincide com o limite inferior das matas de araucárias e está situado em altitudes entre 500 e 600 metros. Mais tarde, os colonos alemães tiveram a mesma atitude em relação aos dois tipos de mata no planalto ocidental do Rio Grande do Sul, bem como no estado de Santa Catarina e, ainda que em menor grau, no Paraná. Este é um dos princípios mais importantes da colonização européia no sul do Brasil.

Outro fator impediu a expansão das colônias alemãs nos decênios de 1860 e 1870. Em 1859, a Prússia promulgou o chamado rescrito de HEYDT, que, devido ao mau tratamento sofrido pelos colonos alemães no estado de São Paulo, proibiu a propaganda em favor da emigração para o Brasil. Teve êle um efeito desfavorável sôbre os possíveis emigrantes na Prússia e de 1871 em diante, em tôda a Alemanha. Só em 1896 foi êste decreto revogado em relação aos três estados meridionais do Brasil; para o resto do Brasil, nunca o foi.

O planalto oriental do Rio Grande do Sul é isolado do resto do estado por duas escarpas: uma voltada para leste, para o litoral, e a outra voltada para o sul, para a depressão do rio Jacuí. Nem a província, nem os grandes proprietários individualmente mostraram interêsse na colonização das áreas florestais desta região, deixando-a ao govêrno central (imperial). A derrota da França pela Alemanha em 1870, e o rescrito de HEYDT levaram o govêrno brasileiro a procurar colonos não germânicos. Fez-se propaganda na Itália, especialmente no norte dêsse país e nas províncias austríacas de Trento e Veneza. Assim, o planalto oriental, acima da antiga colônia alemã de São Leopoldo, foi ocupado não por alemães, mas por italianos. Em 1870 e 1871, foram fundadas as três colônias de Caxias, Garibáldi e Bento Gonçalves, em altitudes entre 800 e 600 metros, nas terras de mata dos afluentes meridionais do curso superior do rio Taquari. Em contraste com a serra, onde os povoados e as estradas procuram os fundos de vales fluviais, no planalto foram estabelecer-se sôbre os divisores de águas; em ambas as regiões, entretanto, as lavouras e propriedades rurais estendem-se sôbre encostas mais ou menos íngremes.

A imigração para esta nova zona pioneira cresceu tão rapidamente que, em 1882, viviam 20 000 italianos nas três colônias. O govêrno imperial fundou, então, duas novas colônias italianas ao norte do rio Taquari: Alfredo Chaves, em 1884, e Antônio Prado, em 1886. Assim se desenvolveu, no planalto oriental, uma zona compacta de colônias italianas, semelhante à zona de colônias alemãs, ao longo da encosta da serra.

Com o advento da República em 1889, tôdas as terras públicas tornaram-se propriedades dos estados, e o Rio Grande do Sul imediatamente principiou a colonização numa escala que não foi ultrapassada por nenhum outro estado do Brasil. Pôsto que as novas colônias também se limitavam às terras florestais, não houve um avanço uniforme da colonização em direção a oeste; a fronteira saltou os campos do planalto médio e ocidental e foi estabelecer-se nas terras florestais isoladas dos cursos superiores dos rios Jacuí e Ijuí, uma região impròpriamente denominada "Região Serrana" ou "da Serra", no Rio Grande do Sul; êste têrmo naturalmente não deve ser confundido com a "serra" que constitui a escarpa do planalto, voltada para o sul.

O salto da fronteira sôbre 150 a 200 quilômetros de terras escassamente povoadas ou mesmo desabitadas e incultas, tornou-se possí-

vel pela construção de uma estrada de ferro que segue a região aberta e o divisor de águas entre os rios Jacuí e Uruguai; corre de Santa Maria (153 m), primeiro para o norte até Cruz Alta (586 m), depois segue para leste até Passo Fundo (870 m), cidades estas fundadas por luso-brasileiros em 1834 e 1857, respectivamente. A via férrea foi aberta ao tráfego em 1895.

Em 1890, o estado fundou a colônia de Ijuí (315m), no vale superior do Ijuí e, um ano mais tarde, a colônia Guarani, no alto curso do Comandá, outro afluente do rio Uruguai. Nestas novas colônias, o princípio da formação de colônias etnicamente homogêneas foi abandonado; a terra foi dada a poloneses, russos, italianos, alemães, etc., assim como a muitos luso-brasileiros. A maioria dos alemães era descendente de antigos colonos originários das colônias da serra de São Leopoldo e Santa Cruz.

Além do estado, empresas particulares de colonização tornaram-se interessadas no nova fronteira; estas, contudo, voltaram a aplicar o princípio da colonização étnica. A Katholischer Bauernverein von Rio Grande do Sul ou Associação dos Agricultores Católicos do Rio Grande do Sul, criou, em 1902, a grande colônia de Sêro Azul, abaixo da colônia estadual de Ijuí, e povoou-a principalmente com colonos católicos de origem alemã. Em 1902, o Dr. HERMANN MEYER, um editor de Leipzig, fundou no alto curso do Ijuí, a uma altitude de cerca de 400 metros, a colônia de "Neu-Württemberg" (hoje Panambi), e povoou-a com alemães provenientes do Reich e com teuto-brasileiros nascidos no Rio Grande do Sul.

A abertura da estrada de ferro de Cruz Alta a Passo Fundo, em 1895, atraiu empresas particulares de colonização para as matas do alto vale do Jacuí, que eram extraordinariamente ricas em madeiras de araucária. Aí foram fundadas, em 1897, as colônias de Não-me-Toque e General Osório (hoje Ibirubá), igualmente povoadas quase exclusivamente com pessoas de origem alemã.

Nos dois decênios seguintes, estas matas isoladas foram postas em cultivo, restando então, como campo para a colonização futura, somente as matas que se estendem ao longo do rio Uruguai, numa faixa contínua com cerca de cem quilômetros de largura. A estrada de ferro de Passo Fundo alcançou esta faixa de mata em 1910 ao sul da cidade de Erechim (ex-José Bonifácio), situada no rebôrd setentrional do planalto a uma altitude de 786 metros. Dentro de poucos anos, o estado do Rio Grande do Sul, bem como as companhias privadas de colonização tinham vendido as terras florestais até o vale do Uruguai a colonos italianos, alemães, polacos e luso-brasileiros.

Para oeste da região de Erechim, estende-se uma reserva de índios e, em seguida, vêm as colônias de Guarita e Santa Rosa, ambas fundadas pelo estado, em 1917 e 1915, respectivamente. Nas décadas de 1920 e 1930, estas colônias também foram povoadas com colonos tanto nacionais como estrangeiros. Assim desapareceram as últimas

reservas florestais e de terras devolutas de mata do estado. Não há, atualmente, mais nenhuma zona pioneira digna de menção no estado do Rio Grande do Sul.

### Santa Catarina

Em contraste com o Rio Grande do Sul, a colonização oficial pela província e depois estado de Santa Catarina teve pouco êxito. O governo federal, por sua vez, não estava muito interessado na colonização dêste pequeno estado. Assim, as companhias particulares de colonização tomaram a si o encargo e colonizaram as áreas florestais do estado, de maneira muito efetiva.

Para o governo, a colonização é a política de povoamento e desenvolvimento de áreas desabitadas. Este tipo de colonização depende, em grande parte, de fatores políticos, que frequentemente são instáveis e interferem com uma sã administração das colônias. Para uma companhia particular, colonização quer dizer negócio; ela quer ganhar dinheiro e é certo que o ganhará se conseguir uma boa qualidade de terra e gente também de boa qualidade. A administração se baseia estritamente em princípios econômicos e, em circunstâncias normais, não é prejudicada por interferência política. Esta é a razão pela qual as companhias particulares foram tão bem sucedidas na colonização do sul do Brasil, e Santa Catarina foi a região em que o princípio foi aplicado pela primeira vez em larga escala.

A empresa alemã Kolonisationsverein von Hamburg comprou príncipe de Joinville um largo trato de terra florestal na extremidade interior da baía de São Francisco, na parte setentrional da província de Santa Catarina, e aí fundou, em 1849, a colônia "Dona Francisca". A sua sede, Joinville, está situada sobre um mangue e construída, como Veneza, sobre pilares. Apesar do clima, que não é de modo algum desejável, a colônia logo se tornou próspera, por causa da sua população ativa e sua ligação com o mar. A expansão para o interior era prejudicada pela vizinhança da íngreme escarpa da serra. Não obstante, a colônia começou logo a construir uma estrada subindo o planalto, e aí foi fundada, em 1870 e tantos, uma colônia-filha, São Bento, a uma altitude de cerca de 800 metros. Por esta estrada, bem como por uma via férrea aberta em 1910, Joinville pôde drenar grande parte do tráfego dos planaltos dos estados de Paraná e Santa Catarina.

A famosa colônia alemã de Blumenau foi fundada em 1850, a cerca de 100 quilômetros ao sul de Joinville, no baixo vale do Itajaí. Foi criada não por uma companhia, mas por um indivíduo particular, o Dr. HERMANN BLUMENAU, a cerca de 60 quilômetros a montante da foz do rio, num lugar onde a navegação termina e o vale se estreita consideravelmente. As altitudes ainda são muito baixas, 20 a 50 metros no fundo do vale, mas o clima é mais saudável que o de Joinville. Prejudicada pela falta de capital, bem como pela estreiteza do vale fluvial, a colônia só começou a florescer quando, em 1860, o Dr.

BLUMENAU abriu mão dos seus direitos sobre a terra — mas não da administração da colônia — em favor do governo nacional e o povoamento se expandiu para montante, para os afluentes da margem esquerda do Itajaí, onde havia terras planas com solos férteis. Em 1874, a colônia tinha 7 000 habitantes, todos de origem alemã. Alguns italianos e polacos reuniram-se então à corrente de imigrantes e foram povoar as bordas da área ocupadas pelos alemães. Em 1882, a colônia possuía 16 000 habitantes, dos quais 71% eram germânicos, 18% italianos e os demais luso-brasileiros.

A expansão do povoamento foi então detida por outro trecho estreito do vale e só continuou em fins da década de 1890. Em 1897 a "Hanseatische Kolonisationsgesellschaft", um rebento da companhia que tinha fundado Joinville, adquiriu quase tôdas as terras do vale do Itajaí do Norte e introduziu muitos colonos de Blumenau, de outras regiões do estado e da Alemanha. Em 1909, a sede da companhia Hamônia (hoje Ibirama), foi ligada por estrada de ferro com a cidade de Blumenau e excelentes estradas de rodagem foram construídas dentro da área da companhia antes de que a terra fôsse distribuída aos colonos. Após a primeira guerra mundial, muitos imigrantes vindos da Alemanha foram colonizar terras da "Hansa", nome pelo qual a companhia é conhecida em Santa Catarina.

Na década de 1920, o povoamento se expandiu rapidamente para os largos vales do Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, e aí funcionavam muitas emprêsas particulares menores, que venderam suas terras a colonos antigos alemães e italianos, bem como a recém-vindos. Em 1938, quando a fronteira alcançou o sopé da escarpa do planalto e o limite inferior das matas de araucária, os últimos remanescentes da mata latifoliada perene tinham sido derrubados pelos pioneiros. Neste ano, a população do vale do Itajaí e do município de Blumenau ascendia a cerca de 150 000 habitantes, dos quais cerca de 50% falavam o alemão; o grande município com uma área aproximada de 10 000 quilômetros quadrados, foi fracionado em sete municípios menores. Se acrescentarmos a esta região o município de Brusque, no vale do Itajaí-Mirim, que também foi povoado por alemães no decênio de 1860, temos então, na serra cristalina catarinense, uma área vasta e compacta de colonização predominantemente alemã, semelhante à da serra do Rio Grande do Sul.

Na segunda metade do século XIX, a província e estado de Santa Catarina, assim como o governo central, estabeleceram algumas colônias alemãs e italianas nos vales menores da serra, ao sul do rio Itajaí. Apertados por vales estreitos e afastados das principais vias de comunicação, nenhuma dessas colônias pôde expandir-se e prosperar. Entretanto, no litoral sul do estado de Santa Catarina, foram fundadas, nos decênios de 1870 e 1880, algumas colônias italianas, que se expandiram rapidamente e se tornaram mesmo ricas por meio da exploração de carvão (Orleães, Uruçanga e Crisciúma).

A serra cristalina, com sua numerosa população de origem européia, é, sem dúvida alguma, a parte mais importante do estado de

Santa Catarina. Para oeste, fica o planalto paleozóico, que é predominantemente uma região aberta, com grandes fazendas de gado. Entretanto, no norte, ao longo dos rios Iguaçu e Negro, estende-se uma faixa de mata, na qual os alemães de Joinville estabeleceram muitas colônias menores, penetrando para oeste navegando pelo rio muito antes da abertura da estrada de ferro de São Bento a Pôrto União-União da Vitória.

Uma colonização planejada, por companhias particulares em larga escala, e uma segunda zona pioneira se formou no terceiro planalto de *trapp*, que cobre a parte ocidental do estado. Esta região foi colonizada e povoada, não a partir da costa oriental longínqua, mas a começar do sul, por colonos alemães e italianos e companhias de colonização do Rio Grande do Sul.

A expansão do povoamento para o norte através do rio Uruguai e da fronteira do estado do Rio Grande do Sul, penetrando no estado de Santa Catarina, começou em 1915, quando a estrada de ferro, vindo do Paraná e de São Paulo, alcançou o vale do rio do Peixe, afluente do Uruguai. O novo meio de transporte possibilitou a exportação de porcos vivos e outros produtos comerciais (alfafa) para a cidade de São Paulo, e assim, o *hinterland* de Santa Catarina foi drenado comercialmente para o norte, para São Paulo, por gente que veio do sul. A nova zona pioneira se expandiu para jusante, com o avanço da estrada de ferro; os alemães de novo preferiram os vales baixos subindo até os limites das matas de araucária ao passo que os italianos ocuparam os vales bem como as terras altas no triângulo entre o baixo rio do Peixe e o Uruguai.

Durante o ano de 1916, a região do extremo ocidental do planalto foi incorporada ao estado de Santa Catarina; é drenada na direção sul pelo rio Xapecó, para o Uruguai. Esta região foi, por longo tempo, motivo de contestação, primeiro entre a Argentina e o Brasil, e depois, entre os estados de Paraná e Santa Catarina. Era habitada principalmente por foragidos da lei provenientes das áreas vizinhas. O estabelecimento de um regime organizado após a primeira guerra mundial, atraiu três grandes companhias de colonização teuto-brasileiras do Rio Grande do Sul para a região chamada "do ex-Contestado", e uma nova zona pioneira surgiu ao longo da margem setentrional do rio Uruguai, indo desde o rio Peperiguaçu, na fronteira com a Argentina, a oeste, até o rio Irani e a zona pioneira do baixo rio Peixe, a leste. O movimento pioneiro ainda está em pleno desenvolvimento, semeando povoados ao longo de estradas e rios, na direção norte, onde está o sertão desabitado. Quase tôdas as terras já foram tomadas por indivíduos ou companhias particulares, que especulam sôbre a expansão do povoamento em futuro próximo.

Em 1940 viviam 45 000 pessoas na região que coincide com o município de Xapecó. A maioria delas era, aparentemente, de luso-brasileiros; entretanto, as colônias, ao longo do rio Uruguai, foram

povoadas quase exclusivamente por alemães e italianos originários do Rio Grande do Sul. Aí, também, os alemães parecem preferir os vales e os italianos, os planaltos.

### Paraná

A colonização do Paraná é diferente, em origem e composição, da dos outros dois estados. Em primeiro lugar, o litoral do Paraná é estreito e tem um clima insalubre de *tierra caliente*. Aí foram fundadas algumas colônias italianas na década de 1870, mas não prosperaram. Em segundo lugar, a serra cristalina do Paraná é estreita e suas encostas são tão íngremes que oferecem pouco espaço para a colonização. Nestas condições, a zona de *tierra templada* e de matas latifoliadas perenes, que atraiu tantos colonos alemães no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, é imprópria para a colonização no Paraná, e é esta a principal razão por que neste estado, há menos alemães. É verdade que muitos alemães da colônia Dona Francisca (em Santa Catarina) emigraram para o Paraná; entretanto, eles não estavam tão interessados na agricultura quanto no comércio e no artesanato. Por isso, foram morar principalmente nas cidades, especialmente em Curitiba. Em terceiro lugar, o Paraná é o mais jovem dos três estados do sul do Brasil. Estabelecido em 1853, por desmembramento do seu território da província de São Paulo, só veio mostrar interesse na colonização, na década de 1860. Nessa época, o rescrito de HEYDT já estava surtindo o efeito de refrear a imigração da Alemanha para o Brasil. Por isso não alemães mas polacos e ucranianos tornaram-se os principais colonos do novo estado. Os primeiros camponeses polacos chegaram em 1869 ao litoral de Santa Catarina, mas não gostaram das baixadas quentes e preferiram o clima mais fresco do planalto.

No primeiro planalto, onde está situada a capital, Curitiba, há uma região mista de mato e campo, que consiste de uma alternância de pequenas manchas de mata e grandes manchas de campo. Aqui não podiam desenvolver-se grandes colônias de floresta compacta, conforme aconteceu nos outros dois estados. Além disso nem os imigrantes nem a província do Paraná tinham, naquele tempo, dinheiro suficiente para organizar a colonização em larga escala. Em vez disso, o último concebeu e levou a efeito um inteligente plano de estabelecer muitas colônias pequenas ao redor de Curitiba, com a idéia de que o excedente dos seus produtos iriam suprir a cidade de alimentos. Como, ao mesmo tempo, foram construídas estradas para ligar as colônias com o mercado da cidade, o esquema em seu conjunto foi muito bem sucedido. Assim, nos decênios de 1870 e 1880, muitas pequenas colônias alemãs, polacas e italianas foram criadas a uma distância não superior a 15 e 18 quilômetros de Curitiba; isto permitia aos colonos ir à cidade e voltar para casa, no mesmo dia.

Colônias semelhantes, porém em menor número, foram estabelecidas pelo estado em volta das cidades de Ponta Grossa, Castro e Lapa, igualmente localizadas numa região mista de mata e campo.

No princípio do século XX, a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande alcançou o estado do Paraná seguindo os campos até Ponta Grossa; aí um ramal voltou-se para sudeste em direção a Curitiba e Rio Negro, enquanto a linha-tronco dobra para sudoeste e percorre a enorme faixa de matas que reveste a parte ocidental do segundo planalto. A colonização concentrou-se então nessas florestas, ricas em madeira de araucária, deixando para trás os campos da parte leste do segundo planalto. A grande colônia ucraniana de Prudentópolis foi fundada em 1896, pelo estado, a cerca de 100 quilômetros a oeste de Ponta Grossa. Muitas colônias menores, ucranianas e polacas, foram fundadas na mesma região, principalmente ao longo da estrada que vai para oeste, conduzindo a Guarapuava, no terceiro planalto.

Durante os dois primeiros decênios do século XX (de 1907 a 1914), cerca de 30 000 polacos e ucranianos e alguns milhares de alemães imigraram para o Paraná. A maioria deles foi colocada, não pelo estado, mas pelo governo federal em algumas colônias maiores ao longo das vias férreas: Uma colônia teuto-holandesa, Gonçalves Júnior, foi fundada a oeste da cidade de Irati em 1908 e, um ano mais tarde, a colônia ucraino-polonesa de Vera Guarani foi estabelecida mais para o sul perto da mesma ferrovia. Enquanto essas colônias se desenvolviam bem, duas outras colônias federais quase foram levadas à falência. Destas, Cruz Machado, fundada em 1912, a cerca de 30 quilômetros a noroeste de União da Vitória, foi povoada com eslavos e alemães, ao passo que Cândido de Abreu, fundada em 1928, aproximadamente a 200 quilômetros a oeste de Ponta Grossa, no vale pouco elevado do rio Ivaí, foi povoada com alemães principalmente; muitos destes morreram logo, durante uma epidemia de malária e os restantes foram-se embora, em consequência das dificuldades de transporte.

Até o fim da década de 1920 desenvolveram-se muitas colônias pequenas no primeiro e no segundo planalto, isoladas e separadas umas das outras pelos campos ou pelas matas ocupadas pelos latifundiários. Não havia uma colonização compacta e em grande escala, nem uma acumulação de riqueza comparável a certas colônias alemãs e italianas nos outros dois estados. Esta situação mudou quando, em 1920, a colonização encaminhou-se para oeste, para o terceiro planalto com seu rico solo de terra roxa e suas vastas terras florestais desocupadas. E mais uma vez foi uma companhia particular de colonização que estabeleceu no norte do Paraná o que é talvez o melhor e mais próspero plano de colonização de todo o Brasil, quicá da América do Sul.

A empresa britânica "Paraná Plantation Ltd.", atualmente "Companhia de Terras Norte do Paraná", comprou do estado cerca de 13 000 quilômetros quadrados de terras florestais ao sul do estado de

São Paulo, no triângulo entre os rios Paranapanema, Paraná e Ivaí. O povoamento começou em 1929 na extremidade oriental da área adquirida, em Londrina, a uma altitude de 600 metros. Seis anos mais tarde, a companhia tinha construído uma estrada de ferro ligando a colônia com o sistema ferroviário da cidade de São Paulo, a leste. Para oeste, foram construídas estradas seguindo o divisor de águas entre Paranapanema e Ivaí, a altitudes entre 700 a 900 metros, e ao longo delas, o povoamento se expandiu rapidamente para oeste. Hoje em dia, a frente pioneira está a oeste de Maringá, a cerca de 130 quilômetros de Londrina, a uma altitude aproximada de 600 metros. Metade das terras está vendida a perto de 16 000 colonos de origem européia, japonesa e luso-brasileira, êstes de quase todos os estados do Brasil. Cerca de 200 000 pessoas vivem na área da companhia, que há 20 anos atrás era desabitada; destas, uns 50% vivem em comunidades urbanas. Em virtude do clima de *tierra templada* (ver p. 162), o café e o algodão são os principais produtos comerciais da região e esta é a razão da sua grande riqueza e prosperidade.

O norte do Paraná é hoje, por larga margem, a região mais adiantada do estado e o govêrno está vivamente empenhado em ligar esta área periférica com a parte central do estado, por meio da construção de rodovias, estradas de ferro e pelo estabelecimento de novas colônias no terceiro planalto.

Desde as primeiras décadas do século XIX, uma frente pioneira de fazendeiros de gado e escravos negros se tinha formado na parte sudeste do terceiro planalto, nos campos de Palmas e Guarapuava (1.100 m). Completamente isolada do resto do estado por matas e longas distâncias, a população desta zona pioneira aumentou muito lentamente e chegava somente a cerca de 50 000 em 1920. Foram então construídas estradas para automóveis, e em 1940 a população dos dois municípios tinha quase duplicado.

A construção de rodovias na década de 1930, pela primeira vez atraiu colonos europeus para as matas desta região remota; é interessante ver que mais uma vez gente vinda do Rio Grande do Sul começou o novo movimento pioneiro. Ao longo da estrada que vai de União da Vitória para oeste até Palmas, a colônia de Santa Bárbara foi fundada por uma companhia particular, que a povoou com eslavos e italianos.

Em 1942, o estado do Paraná estabeleceu a colônia de Pato Branco, a oeste dos campos de Palmas a uma altitude aproximada de 800 metros. Italianos, alemães e polacos do Rio Grande do Sul constituem a maior parte da população da colônia. Êste é, provavelmente o começo de uma nova zona pioneira, que se expandirá para oeste e para o norte.

Uma segunda zona pioneira está se desenvolvendo ao longo da estrada que liga Guarapuava, para o norte, com Maringá, na área da Companhia de Terras Norte do Paraná. Mesmo antes de essa estrada ser trafegável por caminhões, intrusos luso-brasileiros e europeus ocupa-

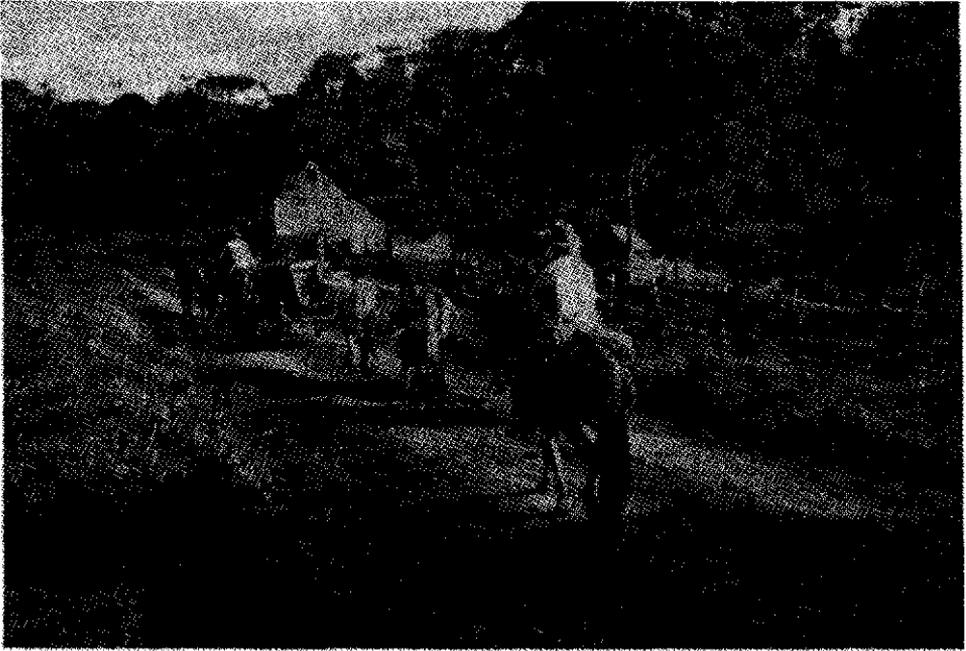


Fig. 7 — Mudança de colonos vindos do Rio Grande do Sul, chegando na zona pioneira de Pato Branco (Paraná).

(Foto Walter A. Egler. 11-III-949).

ram grandes áreas de terras de mata na região de Pitanga, desde 1928. A colonização organizada pelo estado, contudo, não começou senão em 1940, quando a estrada tinha sido melhorada e tinha al-



Fig. 8 — Roça nova a 11 quilômetros ao sul de Araruna (Paraná). A palmeira é o *Arecastrum Romanzoffianum* (Cham.) Becc.

(Foto Orlando Valverde)

Abril-Junho de 1949

cançado Maringá alguns anos mais tarde. Agora várias colônias foram criadas pelo estado na região de Campo do Mourão, nas encostas meridionais do vale do Ivaí, e em 1945 lá viviam 2 257 pessoas, das quais somente 62 eram estrangeiras. Entretanto, em 1948, um grupo de italianos do Rio Grande do Sul, estabeleceu uma colônia em Araruna, a uma altitude de cerca de 550 metros, na faixa de matas latifoliadas perenes.

O estado do Paraná, fundou também uma colônia a oeste da área da Companhia de Terras Norte do Paraná, no município de Paranavaí, que foi criado em 1943. A sede da colônia e do município fica a cerca de 20 quilômetros para oeste do limite das terras da "Companhia"; entretanto, aí não há terra roxa e o clima parece ser menos saudável do que mais para leste. Em 1948, a população total era aproximadamente de 5 000 habitantes em sua maioria luso-brasileiros.

Com estas e outras colônias estaduais que estão sendo planejadas, o povoamento está se expandindo para a parte noroeste do Paraná. Contudo, não se pode falar ainda de uma zona pioneira fora da área da Companhia de Terras. As colônias estão muito espaçadas umas das outras, irregularmente distribuídas e não bem organizadas. De qualquer forma, esta não é uma colonização europeia, no sentido em que entendo o termo, mas a chamada "colonização nacional", organizada pelo estado e executada em benefício dos luso-brasileiros principalmente. Duvido muito que a colonização europeia tenha oportunidade de estabelecer-se no oeste do Paraná, região em que foram preservadas as únicas terras florestais vastas e desocupadas do sul do Brasil.

### **Números de pessoas de descendência europeia no Brasil meridional**

Quais são os vestígios que a marcha do povoamento europeu através do sul do Brasil deixou atrás de si? Em que contribuíram os europeus para a cultura e a civilização do Brasil meridional? Que marcos deixaram eles sobre a paisagem cultural? A fim de poder responder a estas perguntas, será necessário ter pelo menos uma idéia grosseira do número de pessoas de origem europeia e de sua composição racial no sul do Brasil.

A questão da importância relativa dos vários elementos europeus na população do Brasil meridional não pode ser respondida exatamente, porque o censo classifica somente a naturalidade dos estrangeiros natos e não a origem nacional da população de ascendência europeia, nascida no Brasil e composta de cidadãos brasileiros. Esta classificação dá naturalmente uma fraca indicação da importância da população europeia, especialmente no sul do Brasil, onde a colonização europeia tem mais de cem anos de antiguidade. Um quadro melhor pode ser obtido pela estatística sobre grupos de língua estrangeira e pelas estimativas dos demógrafos. Com base nas melhores

fontes disponíveis, parece seguro avaliar a distribuição da população de origem européia para o ano de 1934, da maneira seguinte:

	<i>Alemães</i>	<i>Italianos</i>	<i>Eslavos</i>	<i>Total</i>
Rio Grande do Sul . . . . .	510 000	405 000	120 000 <sup>1</sup>	1 035 000
Santa Catarina . . . . .	235 000	100 000	28 000	363 000
Paraná . . . . .	100 000	53 000	92 000 <sup>2</sup>	245 000
<b>Total . . . . .</b>	<b>845 000</b>	<b>558 000</b>	<b>240 000</b>	<b>1 643 000</b>

A área e a população dos três estados foram registadas da seguinte forma em 1940:

	<i>Áreas em km<sup>2</sup></i>	<i>População</i>	<i>Por km<sup>2</sup></i>
Rio Grande do Sul . . . . .	282 480	3 320 689	11,76
Santa Catarina . . . . .	94 367	1 178 340	12,49
Paraná . . . . .	201 288	1 236 276	6,14
<b>Total . . . . .</b>	<b>578 135</b>	<b>5 735 305</b>	<b>9,92</b>

Com base na população européia de 1934 e no total da população de 1940, chega-se à conclusão de que 28,6% desta última são de origem européia. No Rio Grande do Sul, a porcentagem é de 33, em Santa Catarina, 30 e no Paraná, 20. Do total da população de origem européia, 52% são alemães, 34% italianos e 14% eslavos.

### Sistemas agrícolas

Depois do tipo de colonização, é o sistema agrícola adotado pelos colonos o fato de maior significado para a colonização. Estas coisas são, muitas vezes, consideradas como evidentes por si próprios e de pouco interesse científico. Contudo os sistemas agrícolas são na realidade muito complicados e envolvem muitos problemas. Constituem os objetos de duas ciências que parecem mal conhecidas no Brasil: a economia agrícola e a geografia agrícola.

Tanto na literatura nacional como na estrangeira, os métodos agrícolas dos colonos europeus no sul do Brasil, são altamente elogiados e considerados como um retumbante êxito. Entretanto, quando se estudam êsses sistemas no campo, faz-se uma observação chocante: a maioria dos colonos usa o mais primitivo sistema agrícola do mundo, que consiste em queimar a mata, cultivar a clareira durante alguns anos e depois deixá-la em descanso, revertendo em vegetação secundária, enquanto nova mata é derrubada para ter o mesmo emprêgo. O colono chama êste sistema de roça ou capoeira; na literatura geográfica é geralmente conhecido como agricultura nômade ou itinerante. Na linguagem dos economistas rurais, é chamado sistema de rotação de terras.

<sup>1</sup> Este número parece ser excessivamente elevado.

<sup>2</sup> Este número parece ser exclusivamente baixo; não inclui os ucranianos que podem ser estimados em cerca de 50 000 pessoas.

Este é, naturalmente, o sistema que os fazendeiros portugueses receberam dos índios, e passaram a usar desde então em suas grandes propriedades. A aplicação do sistema indígena de rotação de terras no Brasil, assim como em todos os outros países latino-americanos significou a separação econômica e espacial da agricultura e da pecuária. Poucos brasileiros parecem estar cientes das enormes consequências que esta separação teve para toda a vida do país. Acarretou ela, de um lado, a criação extensiva e primitiva do gado, e, do outro, uma igualmente extensiva e primitiva lavoura.

Se os sistemas agrícolas extensivos não dão resultados satisfatórios nas grandes propriedades, quando aplicados nas pequenas, tornam-se ilógicos e perigosos. O termo extensivo quer dizer que dos três fatores da produção — terra, capital e trabalho —, a terra é o principal e deve ser abundante. Mas isto não acontece nas pequenas propriedades dos colonos europeus do Brasil meridional; não obstante, eles aplicaram logo, desde o princípio até hoje, o sistema extensivo de rotação de terras. Na literatura econômica alemã, esse sistema é chamado *Raubbau* ou agricultura extrativa. Mas este termo é um tanto enganador. Não deixa claro que tanto os alemães, como todos os demais colonos europeus, receberam dos índios não somente o sistema de rotação de terras, mas também as plantas cultivadas por estes (o milho, o feijão preto, a mandioca, a batata doce) e até a ferramenta indígena, a cavadeira ou bastão de plantar.



Fig. 9 — Colono de origem alemã, perto de Alto Feliz, empunhando uma cavadeira que o pai dele usou.

(Foto Orlando Valverde. 1-3-949).

O sociólogo EMÍLIO WILLEMS, no seu livro *A aculturação dos alemães no Brasil* (1946), compreendeu o verdadeiro caráter do sistema agrícola dos colonos, e explicou o seu efeito deteriorante sobre a cultura e a vida social. É isto exatamente o que seria de esperar. Os pequenos proprietários europeus não poderiam aplicar, por gerações sucessivas, o sistema agrícola mais extensivo e mais primitivo do mundo sem abrir mão e perder elementos essenciais da sua cultura e tradição. Especialmente nas áreas montanhosas, de povoamento antigo e nas regiões remotas, muitos colonos alemães, italianos, polacos e ucranios tornaram-se verdadeiros “caboclos”, gente extremamente pobre, com muito pouca ou nenhuma educação e vivendo nas casas mais primitivas.

Estas áreas estão a grandes distâncias das estradas de ferro e das modernas rodovias, e não são visitadas pelo turista ou viajante comum.

Distingui três principais sistemas agrícolas nas áreas florestais colonizadas. Os critérios para a classificação são os métodos agrícolas aplicados, a combinação gado-lavoura e a maneira pela qual os produtos são preparados e processados para o mercado. Somente de passagem, farei menção aos tipos de casas e a situação social e cultural relacionada com cada sistema. Os três sistemas representam teoricamente estágios sucessivos do desenvolvimento histórico da paisagem agrícola. Entretanto, apenas em poucas áreas o desenvolvimento real da paisagem cultural passou pelos três estágios. A maioria das áreas atingiu somente o segundo estágio, e muitas chegaram a um ponto morto no primeiro estágio.

### 1 — O sistema da primitiva rotação de terras

Uma família pioneira começa o ciclo cultural comprando a terra numa área de mata desabitada. Em seguida, derruba e queima a floresta, à maneira dos índios; planta milho, feijão preto e mandioca usando cavadeira e enxada, e constrói uma casa primitiva, primeiramente de folhas de palmeiras e, depois, de tábuas, geralmente sem janelas de vidro. A fim de utilizar o excesso de suas safras, cria porcos, e vende a banha ou os porcos vivos, em troca de alguns artigos de que necessita e não produz. Tem ligação com o mundo exterior apenas por uma picada ou por estradas primitivas, e vive em grande isolamento. O seu contacto principal é com um "vendista", o vendeiro da vizinhança, que engorda e enriquece, enquanto os laboriosos colonos vegetam numa existência miserável. Os seus filhos só vão à escola durante um ou dois anos apenas, e um calendário religioso é talvez o único livro da casa. A frequência regular ao serviço da igreja, aos domingos, numa comunidade distante, é a única inspiração espiritual que essa gente pode desfrutar.

Nestas circunstâncias, é muito difícil uma elevação do nível social e cultural da família, e uma estagnação, se não uma decadência, em breve se regista. Segundo FRITZ PLUGGE, que é, êle próprio, educado e experiente colono da mata, nas áreas remotas de Santa Catarina, a maior parte dos colonos originários fica estacionária neste estágio primitivo e nunca tem oportunidade de mudá-lo. Encontramos, contudo, uma situação semelhante também nas áreas de povoamento antigo, especialmente nas regiões montanhosas, porque aí, a terra logo se esgota e as safras diminuem rapidamente.

Esta é a situação, segundo EMÍLIO WILLEMS, do distrito de Guabiruba, no município de Brusque, que foi povoado por colonos alemães, há cerca de cem anos. Esses colonos que não tiveram contacto com imigrantes recentes, esgotaram não somente suas terras, mas, ao mesmo tempo, sua capacidade de resistência negativa do meio físico; baixaram os seus padrões físicos, culturais e econômicos, e tornaram-se caboclos.

Encontramos uma situação semelhante na parte superior da encosta da serra do Rio Grande do Sul, na colônia alemã mais antiga:

São Leopoldo. Nesta região, cujo povoamento começou há cerca de 120 anos, fiquei chocado com o primitivo sistema agrícola dos colonos. Os seus campos eram extremamente pequenos e subiam as encostas com uma inclinação entre 40, 50 e, em alguns casos, mesmo 60 graus. As casas eram velhas, e algumas estavam em plena decadência.

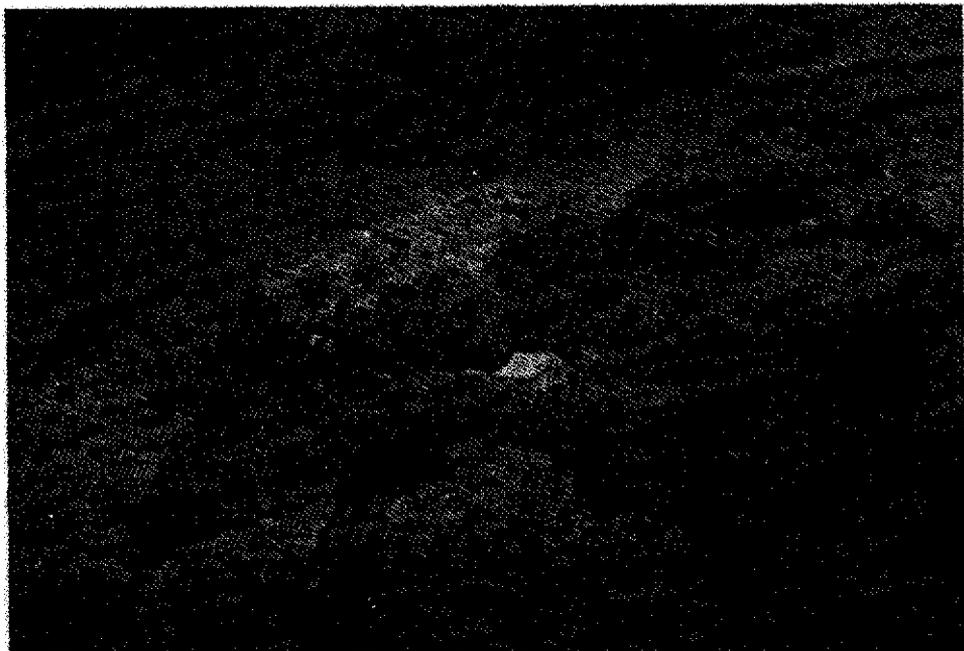


Fig. 10 — Paisagem de uma região habitada há mais de 100 anos por alemães, no vale superior do rio Cai no Rio Grande do Sul. Rotação de terras primitiva. Evidente estágio de decadência. Observe-se a moradia simples e os campos de cultura negligenciados. 1-III-948.

O povo, que falava um alemão horrível e quase nada de português, dava a impressão de pobre e atrasado, formando um contraste com a população ativa e próspera que encontramos mais abaixo, nas terras planas e férteis da colônia alemã de Dois Irmãos, e mais acima, sobre o planalto, na colônia italiana de Caxias.

## 2 — O sistema de rotação de terras melhorada

Depois que a maior parte das matas é devastada, que a densidade da população aumentou e que são construídas estradas utilizáveis pelas carroças de quatro rodas dos colonos, as técnicas agrícolas e as condições econômicas melhoram consideravelmente. Com estas condições, nos cruzamentos de estradas, desenvolvem-se pequenos centros comerciais de população, onde se vão estabelecer várias espécies de moinhos, na maioria, pelas famílias dos antigos vendedores. Nesses moinhos, o colono prepara e processa a remessa para o mercado dos seus produtos em maior quantidade e por preço mais barato do que o poderia fazer na colônia. Daí resulta que aumenta a sua produção de antigas culturas indígenas de subsistência, e introduz plantas euro-



Fig. 11 — Estágio da rotação de terras melhorada, entre Blumenau e Brusque em Santa Catarina. No primeiro plano um engenho de cana e moinho de farinha, na propriedade de um colono italiano. 26-V-947.

péias como produtos comerciais. Além do porco, passa a criar também algum gado. E' esta a razão por que denominei êste tipo de agricultura, de sistema de rotação de terras "melhorada".



Fig. 12 — À esquerda, na encosta, capoeira com 2 anos; no centro, terreno em que já foi ceifado o trigo e, à direita, roça de milho. A oeste da colônia italiana de Caxias no Rio Grande do Sul. 27-11-948.

Das culturas estrangeiras, o trigo<sup>4</sup> e o centeio são cultivados no inverno, ao passo que a batata inglesa dá tanto no verão, como no inverno. O arroz de terra enxuta é estritamente uma cultura de verão. O cultivo destas plantações adicionais quer dizer campos maiores e mais trabalho para o colono e sua família. Por isso, êle substitui o trabalho humano pelo trabalho "animal", e aplica o arado e a grade, puxado por cavalos, para lavrar a sua terra, se ela não fôr muito íngreme. Mas o uso do arado não quer dizer que o colono,



Fig. 13 — Arado o terreno de capoeira de dois anos de idade em Irati (Paraná). Colono polonês.

(Foto Nilo Bernardes. 20-V-948).

neste estágio, aplique também estêrco aos campos lavrados. Ao contrário, no terreno arado, êle usa o mesmo sistema primitivo de rotação de terras que nas encostas íngremes, onde, por motivos técnicos, só pode empregar a enxada e a cavadeira.

Foi esta uma das maiores lições que aprendi no Brasil. Baseados nas idéias de EDUARD HAHN, os geógrafos e sociólogos presumem que o arado não tenha lugar na rotina das atividades que constituem o sistema de rotação de terras, combinado com o uso do fogo para fazer a devastação. O uso do arado é associado imediatamente à aplicação de estrume e à rotação de culturas. Fica-se assim, com uma idéia inteiramente falsa, dos sistemas agrícolas da América tropical e de suas instituições sociais e econômicas. Em muitos lugares do sul do Brasil, podem-se ver campos arados alternando com capoeiras. A capoeira é a melhor prova da rotação de terras.

<sup>4</sup> Ignora-se geralmente que quase todo o trigo do Brasil é cultivado segundo o sistema de rotação de terras!



Fig. 14 — Rotação de terras melhorada com emprego do arado, no segundo planalto do Paraná. Colônia alemã Gonçalves Júnior. Região de cultura da batata inglesa. A terra está sendo explorada há cerca de 40 anos. 19-IV-948.

O colono europeu, no segundo estágio de desenvolvimento agrícola, não poderia colocar estêrco nos seus campos mesmo que quisesse, pela simples razão de que não tem gado suficiente para produzir esturme em quantidade utilizável. E' verdade que, em comparação com os colonos no primeiro estágio, especialmente os colonos alemães criam uma poucas cabeças de gado que lhe fornecem leite e manteiga, e que são alimentadas em pastos cuidadosamente plantados e cultivados, em volta da casa do colono. Mas esta espécie de criação de gado é absolutamente independente da agricultura. As duas formas principais de uso da terra ainda continuam separadas e os solos se esgotam depressa.

A produção agrícola aumentada e a criação de gado, elevam, consideravelmente, o padrão econômico e cultura do colono. Isto é claramente expresso pelos tipos melhorados de casas que, em contraste com o tipo uniforme de casa dos pioneiros, têm decididamente um caráter nacional e étnico. E' verdade que, nas áreas coloniais mais novas dos planaltos ricos em araucárias o tipo *standard* de casa, construída de tábuas, prevalece por tôda parte. Nas zonas de povoamento antigo de Santa Catarina, e do Rio Grande do Sul, entretanto, pode-se reconhecer perfeitamente a origem étnica do colono, pelo estilo da casa em que mora. Nas áreas ocupadas pelos alemães, temos a *mitteldeutsche Fachwerkhaus* ou casa de enxamel, constituída por uma estrutura e esquadrias de madeira visível, cujo intervalo é preenchido por tijolos vermelhos. Alguns italianos moram em casas de

dois andares construídas de pedra, e quase sempre têm um parreiral perto.

A situação econômica melhorada permite ao colono mandar seus filhos à escola durante quatro ou cinco anos, em vez de somente um ou dois anos, conforme faz o pioneiro; e, de vez em quando, um livro ou jornal chega-lhe em casa. A mobília ainda é feita em casa, mas esta já tem quartos e não lhe falta um certo conforto. Segundo FRITZ e PLUGGE, o nível de vida da família atinge o seu máximo quando os filhos estão crescidos, mas ainda não casados. O casamento dos filhos priva o colono de sua principal fonte de mão de obra, e a sua própria morte acarreta muitas vezes a divisão da terra em alguns lotes menores. Isto, na maioria dos casos, origina estagnação, quando não deterioração da terra bem como dos seus ocupantes.

Dos três estágios de desenvolvimento agrícola, o da rotação de terras melhorada é o mais difundido. Encontramo-lo especialmente nos planaltos, ao longo das estradas de ferro e de rodagem. Nas áreas que estão sob cultivo durante 15, 25 ou mesmo 30 anos, tudo vai bem: as colheitas são grandes, os colonos são prósperos, e há grande excedente de produção para o mercado. Entretanto, a maioria das

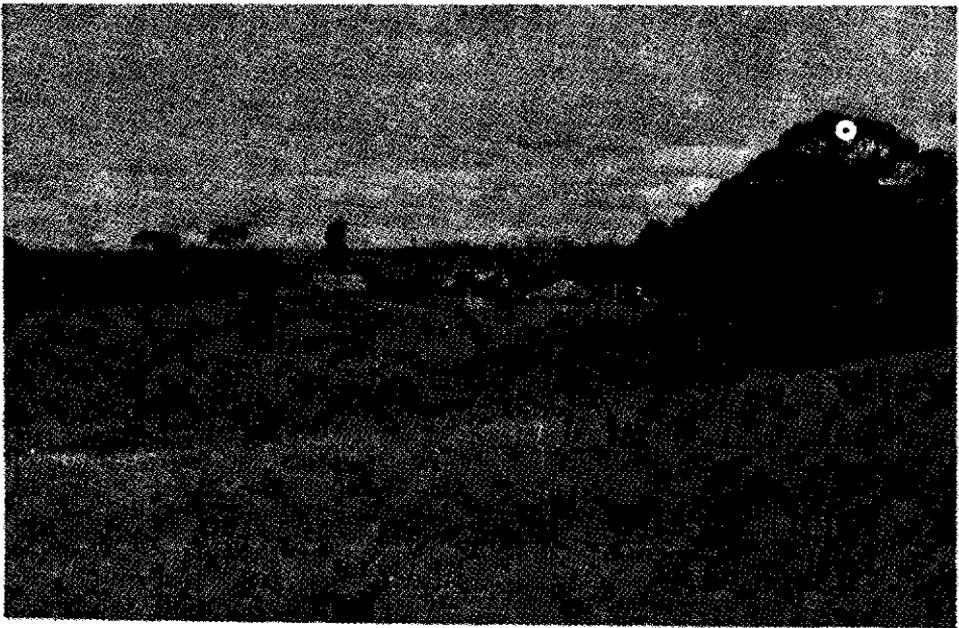


Fig. 15 — Propriedade de um colono polonês em boa situação econômica em Contendas, entre Araucária e Lapa, no Paraná. Culturas de milho, batata e repólio em terras aradas. 13-V-948.

áreas em cultivo durante 30 a 50 anos mostram claros sinais de estagnação e mesmo de decadência. As safras correspondem somente a  $1/3$  ou  $1/2$  do que tinham sido há uma ou duas gerações passadas. A fim de compensar a queda de produção, os colonos passam a cultivar áreas maiores.

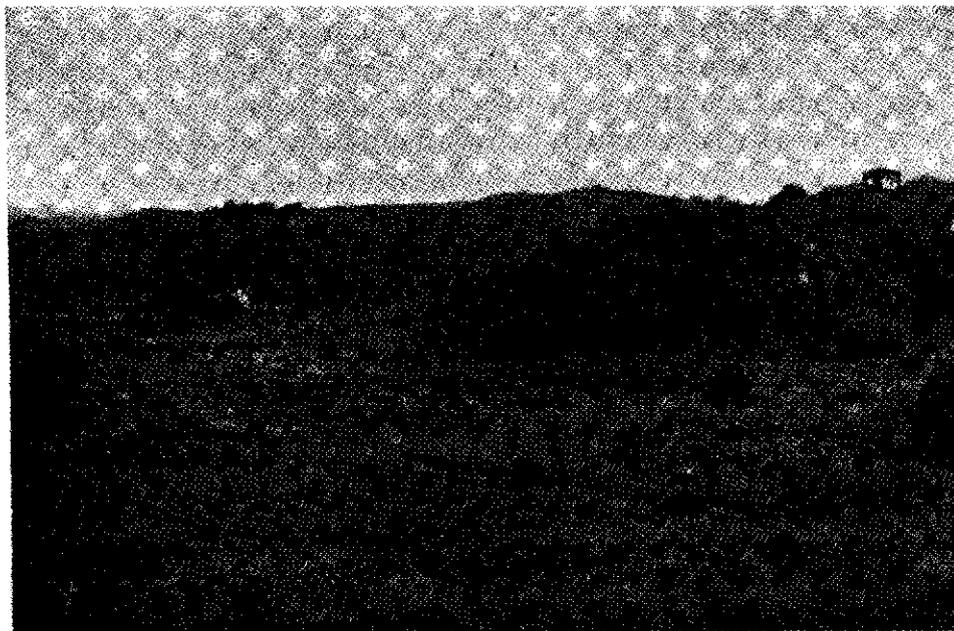


Fig. 16 — Segundo estágio (rotação de terras melhorada) em plena decadência. Colônia italiana, entre Antônio Prado e Flores da Cunha no planalto oriental do Rio Grande do Sul. Muitas capoeiras baixas. A paisagem cultural tem uma idade de cerca de 60 anos.

(Foto Walter A. Egler. 24-III-949).

Isto significa que o período de repouso em capoeira tem que ser encurtado, daí resultando que o solo deteriora mais rapidamente do que dantes. Então, pela primeira vez, os campos ficam sujeitos à



Fig. 17 — A mesma situação da figura anterior na colônia alemã de Selbach no planalto ocidental do Rio Grande do Sul. Em terras esgotadas observa-se a erosão do solo e a invasão do capim barba de bode (*Aristida* sp.). A paisagem cultural tem cerca de 40 anos.

(Foto Nilo Bernardes. 28-III-949).

Abril-Junho de 1949

erosão de solo, mesmo em terras pouco inclinadas, e gramíneas do campo natural (*Aristida sp.*) invadem a terra esgotada. Outros indícios de exaustão do solo são o aumento do cultivo da mandioca (a cultura menos esgotante, pelo menos no que diz respeito às condições de solo) e as plantações de eucaliptos.

A maioria das colônias do planalto do Rio Grande do Sul está nesta condição deplorável. A primeira geração de colonos que devastou as matas no decênio de 1890, e, que, depois de alguns anos de pioneirismo, estabeleceu o sistema de rotação de terras melhorada, tornou-se logo próspera e constitui boas propriedades. A segunda geração aplicou as mesmas práticas agrícolas, daí resultando que os seus padrões econômicos baixaram consideravelmente, e a terceira geração, ou teve que se mudar para outro lugar, ou se tornou cabocla. O número de caboclos europeus é surpreendentemente elevado, mesmo em colônias que há 25 anos eram consideradas como colônias-modélo.

Existe um estado de alarme em muitas colônias do planalto do Rio Grande do Sul, que causa considerável apreensão aos colonos

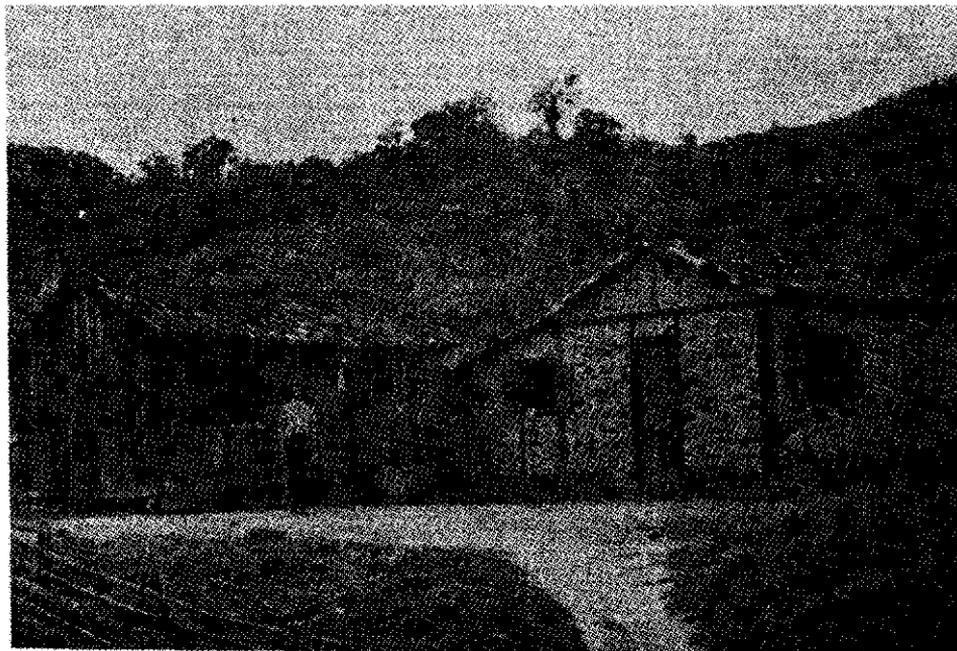


Fig. 18 — Propriedade de um caboclo alemão no vale superior do rio Capivari, Santa Catarina. À esquerda a cabana primitiva do estágio pioneiro, que hoje serve de depósito; à direita a casa de enxamele que foi construída durante o segundo estágio. Depois começou o esgotamento do solo e deu-se a estagnação cultural. 7-V-947.

mais inteligentes. Eles compreendem que o sistema de rotação de terras está na base de suas queixas; que deveriam aplicar melhores técnicas agrícolas e um uso da terra estabilizado. O grande problema é: como mudar da agricultura nômade para a permanente, da rotação de terras para a rotação de culturas?

E' simples e fácil para um indivíduo ou grupo baixar os seus padrões culturais e econômicos, mas erguê-lo de novo é tarefa her-

cúlea, que requer energia, educação e dinheiro. Sem auxílio dos governos da união e dos estados, muitas colônias européias no sul do Brasil estarão perdidas dentro de poucas décadas.

### 3 — Rotação de culturas combinadas com a criação de gado

O estágio final do desenvolvimento agrícola no sul do Brasil é a aplicação da rotação de culturas em campos arados e adubados. Para arar a terra, o colono precisa de um arado e de um ou dois cavalos, que êle sempre possui para carga ou tração. Para conseguir

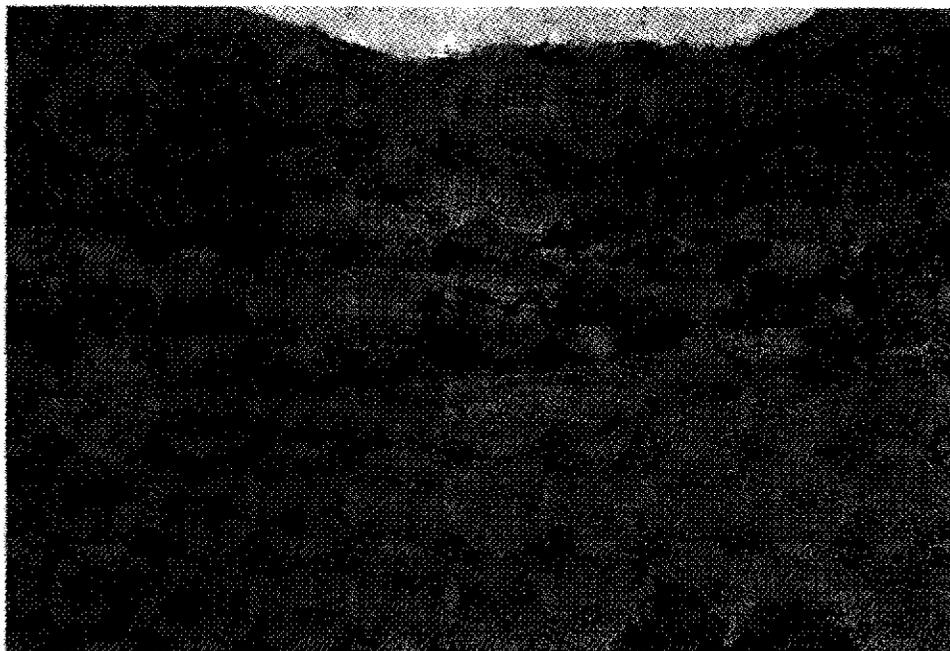


Fig. 19 — Rotação de terras primitiva na encosta, rotação de culturas no fundo do vale em terras aradas e adubadas. Vale do rio do Testo ao norte de Blumenau. 25-IV-947.

adubo suficiente para fertilizar sua terra ou grande parte dela, necessita, além disso, de 10 a 20 cabeças de gado, e tem que plantar forragens a fim de alimentá-las especialmente no inverno. Ademais, precisa de um estábulo sólido para guardar o gado durante a noite e também de um telheiro para proteger o estrume empilhado contra a chuva e o sol. Em outras palavras: a adubação está num plano econômico muito mais elevado do que a lavra da terra e requer muito mais trabalho, capital e conhecimento.

Enquanto o sistema de rotação de terras está baseado na produção vegetal, no novo sistema tudo gravita em torno da criação do gado. Mas isto não implica que a produção vegetal diminua. Ao contrário. Além de todos os produtos cultivados nos estágios prévios

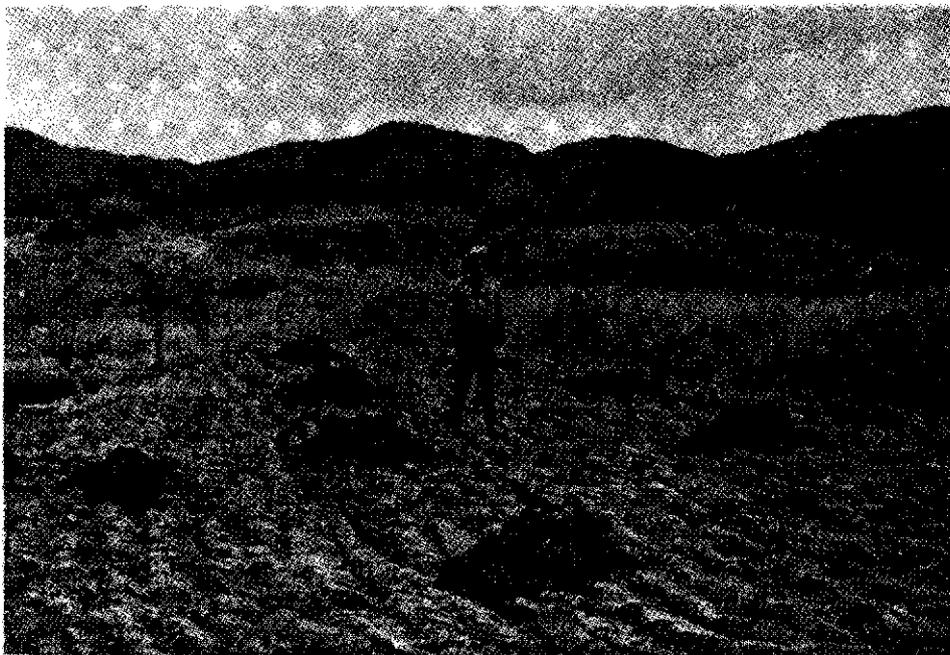


Fig. 20 — Campo de cultura arado com montes de estrume, em Rio do Testo (ex-Pommerode), ao norte de Blumenau. 25-IV-947.

da agricultura, novas culturas entram então no quadro. São plantas forrageiras, tais como alfafa, o feijão de porco, a aspérgula e mesmo verduras como o repólho e o nabo. A maior parte delas são cultivadas no inverno e dadas verdes aos animais ou, em alguns casos raros, guardadas em silos. A grande variedade de culturas torna necessário



Fig. 21 — Rotação de culturas no vale do rio Taquari em Lajeado, Rio Grande do Sul. Nas encostas rotação de terras melhorada.

(Foto Walter A. Egler. 26-III-949).

um certo sistema de rotação, que varia muito de uma propriedade para outra, e de uma região para outra. A idéia básica é alternar culturas de cereais com culturas de raízes e plantas leguminosas com freqüência, a fim de enriquecer o solo com nitrogênio.

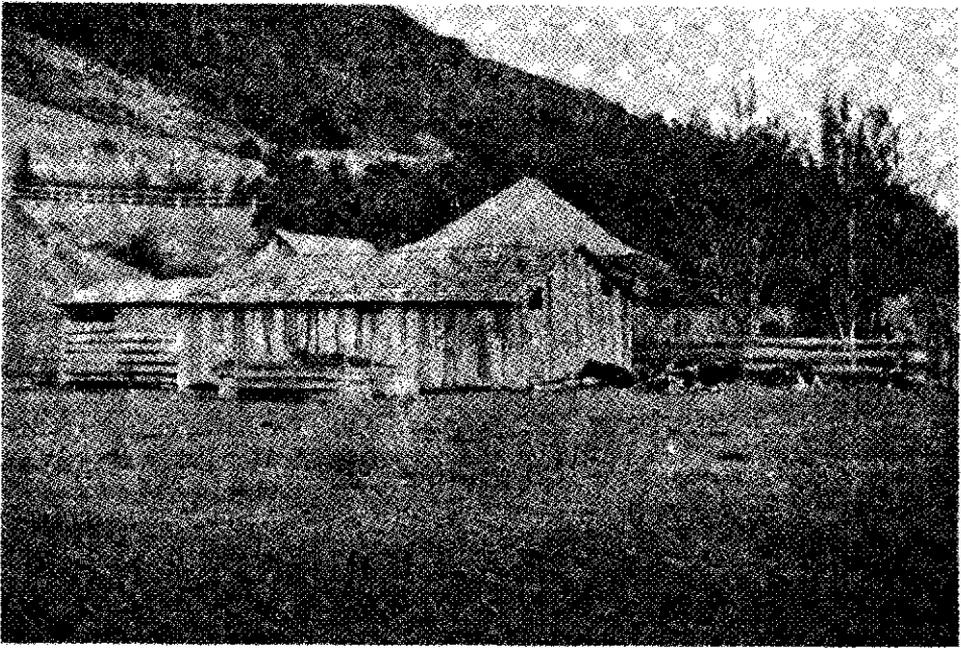


Fig. 22 — Pasto artificial, vacas leiteiras e estábulo no vale do rio Krauel. Colônia Hansa, Santa Catarina. 15-V-947.

O gado que este tipo de colono cria é de raças européias, na maioria meio-sangue suíço, holstein ou holandês. Têm que ser cuidados durante a semana inteira, inclusive nos domingos e feriados. Essa grande aplicação de trabalho é considerada a razão pela qual os polacos geralmente não gostam do sistema. Os italianos, também, não têm muito entusiasmo por ele. Mas os alemães o preferem, e, principalmente por este fato, ganharam a merecida reputação de serem os melhores colonos. A produção agrícola enormemente aumentada ultrapassa a capacidade dos velhos moinhos administrados por famílias particulares individualmente. Foi, portanto, necessário ter fábricas consumindo carvão ou eletricidade, para processar a produção agrícola; e para construí-las é preciso capital, que só pode ser fornecido por cooperativas, capitalistas ou bancos.

Assim foram estabelecidas fábricas de creme, manteiga e queijo, moinhos de farinha (trigo e mandioca), de arroz, frigoríficos, etc. Os seus produtos são padronizados e uniformes e alcançam melhores preços do que os produtos processados pelos velhos e primitivos moinhos.

Somente um produto comercial de valor possibilita e anima um colono a investir com trabalho e capital necessário ao novo sistema. Nas vizinhanças de cidades como Curitiba, Joinville, Blumenau, Caxias do Sul, São Leopoldo e algumas cidades menores do Rio Grande do Sul, o sistema depende dos laticínios. Nas áreas mais remotas, depende de produtos agrícolas valiosos, tais como a alfafa (no



Fig. 23 — Fábrica de laticínios em Rio do Testo (ex-Pommerode), Blumenau. 25-IV-947.

vale do Caí, no Rio Grande do Sul) ou o tabaco, mais para oeste, na colônia de Santa Cruz.

Em tôdas essas áreas, encontra-se uma população rural próspera e o mesmo tipo de paisagem cultural. A prosperidade dêsses colonos



Fig. 24 — Casa de enxamei do segundo estágio, que foi ampliada e melhorada pela construção de uma dependência aneja e de uma varanda, quando o colono atingiu o terceiro estágio do desenvolvimento agrícola. Aurora, ao sul de Jaraguá no litoral de Santa Catarina. 25-IV-947.

é claramente refletida pelo tipo de casa. Estes agricultores modernos aparentemente não gostam mais das velhas casas de estilo nacional que os seus pais construíram, quando no segundo estágio. Em vez destas, desenvolveu-se um novo tipo de casa, de caráter mais suburbano, feita completamente de tijolo ou pedra, com uma varanda em um ou dois lados, sustentada por arcos. Frequentemente as casas caiadas de branco por fora e, com suas cortinas brancas e seus canteiros de flores sombreados por palmeiras, compõem realmente um belo panorama.

Estes prósperos colonos podem dar-se ao luxo de proporcionar a seus filhos uma educação elevada, e eles próprios se mantêm em contacto com o mundo, através da leitura de jornais, livros e revistas profissionais. Gostam do rádio e da vitrola; têm um padrão de vida que se aproxima do do lavrador médio dos Estados Unidos.

Chegamos agora a uma questão importante. Quantos colonos europeus do Brasil meridional atingiram este estágio mais avançado de desenvolvimento agrícola, estágio que é tão comum na Europa e nos Estados Unidos?

Quantos empregam com êxito o sistema de rotação de terras melhorada, e quantos estão ainda no primeiro estágio ou ficaram detidos na fase de decadência e estagnação do segundo estágio?

Estas perguntas são naturalmente muito difíceis de responder. Por experiência pessoal, na maioria das áreas colonizadas e por meio de discussão com colonos inteligentes e experimentados sobre a situação econômica e cultural de muitas colônias, cheguei à conclusão seguinte: somente cerca de 5% de todos os colonos europeus do sul do Brasil alcançaram o terceiro estágio de desenvolvimento agrícola; 50% vivem no segundo estágio, em terras ainda não esgotadas, e 45% estão ou no primeiro ou na fase de decadência e estagnação do segundo. No que diz respeito à situação econômica, acho que uns 25% estão bem, 50% estão moderadamente prósperos e os outros 25%, em condição pobre e miserável.

Estes números, mesmo que estejam exagerados, provam claramente que alguma coisa está errada na colonização européia do sul do Brasil. Na minha opinião, três fatos são principalmente responsáveis pela situação presente. Primeiro: Quase todos os colonos europeus que emigraram para o sul do Brasil eram pobres, e muito poucos eram agricultores treinados e experimentados. Não puderam resistir ao novo meio econômico e rapidamente adotaram os sistemas agrícolas dos nativos.

Segundo: Quando o governo imperial e mais tarde as províncias e estados planejaram estabelecer o sistema europeu de pequenas propriedades familiares no Brasil, a sua idéia principal era a de povoar áreas desabitadas. Deram pouca atenção à situação econômica dos colonos e a maior parte deles foram colocados em áreas remotas, muito longe de qualquer mercado urbano. Nestas circunstâncias, a agricul-

tura de subsistência e os sistemas agrícolas primitivos impuseram-se aos colonos, quer tenham êles querido, quer não.

Terceiro: Presumindo que os imigrantes europeus aplicariam o sistema extensivo de rotação de terras, tanto o govêrno como tôdas as companhias particulares de colonização deveriam ter repartido lotes muito maiores aos colonos. Aplicar um sistema agrícola extensivo em pequenas propriedades é uma contradição em si mesmo. Isto nos leva a considerar o tamanho das propriedades dos colonos da mata no sul do Brasil.

### Tamanho das propriedades

Por todo o sul do Brasil, o tamanho médio da propriedade de um colono da mata é de 25 a 30 hectares. E' de surpreender como a maioria dos colonos e até agrônomos aceitam êste tamanho, sem sequer duvidar da sua justificação e sua conveniência. Na minha opinião, uma propriedade de 25 a 30 hectares é excessivamente pequena para a aplicação do sistema de rotação de terras, especialmente em regiões montanhosas.

O problema do tamanho adequado das propriedades é vital para qualquer projeto de colonização, e devia ser estudado cuidadosamente de todos os ângulos, antes de ser iniciada a colonização. Para a compreensão do problema, desejo apresentar-lhes a expressão alemã *minimale Ackernahrung*; refere-se ela à mínima quantidade de terra necessária para proporcionar a um agricultor e sua família um padrão econômico e cultural decente. O *minimale Ackernahrung* depende principalmente de dois fatores: as características físicas da terra e o sistema agrícola que o lavrador deverá aplicar.

Agora vem a pergunta fundamental. Qual é, ou deve ser, o *minimale Ackernahrung* para um colono do sul do Brasil que quer aplicar o sistema de rotação de terras? Para responder à pergunta, temos que fazer um pouco de estimativa.

E' do consenso geral que, nas terras florestais do Brasil meridional, uma família composta de cinco a sete pessoas precisa de cinco hectares efetivamente em cultivo para manter um nível de vida decente.

Suponhamos que os primeiros cinco hectares derrubados sejam usados para cultura apenas durante um ano, depois deixado em repouso durante três anos. Neste caso, o agricultor precisaria de 5 mais 15, ou sejam 20 hectares. Se êle deixasse a capoeira crescer durante 6 anos, precisaria então de 5 mais 30, ou 35 hectares, e assim por diante. Quanto mais tempo os campos já cultivados ficarem em capoeira, tanto melhor será para a restauração do solo e, naturalmente, tanto mais terra será necessária ao agricultor. O caso ideal seria adiar o novo cultivo da capoeira até que a fertilidade original do solo tivesse sido restabelecida. Segundo a opinião da maioria dos colonos com quem conversei, isto exigiria 10 a 12 anos em terras boas e 15 a 20 anos em terras pobres. Percorrido êsse tempo, a capoeira tor-

nou-se alta e densa formando ùa mata secundária, denominada ca-poeirão.

Podemos agora responder à pergunta do *minimale Ackernahrung*. Deveria ser entre 55 ( $5 \times 10 + 5$ ) e 65 ( $5 \times 12 + 5$ ) hectares em terra boa, e entre 80 ( $5 \times 15 + 5$ ) e 105 ( $5 \times 20 + 5$ ) em terra ruim.

Estes números têm, naturalmente, apenas um valor aproximativo e variam consideravelmente de acôrdo com a topografia e as condições do solo. Mas provam claramente que o tamanho de 25 a 30 hectares é "pequeno demais" para a aplicação do sistema de rotação de terras. A consequência é que o colono tem que usar uma rotação de terras muito mais curta e que cultivar sua capoeira cada 6,5, ou mesmo 3 anos. Daí resulta que os solos se esgotam rapidamente, as colheitas decrescem e a estagnação econômica se instala.

A deterioração da terra e da gente é mesmo mais acelerada pela divisão comum dos lotes originais entre os herdeiros. Em muitos lugares, os colonos atualmente só possuem metade ou um quarto de lote, isto é, 15 ou 7 hectares, e ainda usam o sistema de rotação de terras. Embora trabalhando duramente, esta pobre gente apenas consegue vegetar numa existência miserável.

EMÍLIO WILLEMS descreveu a situação do distrito de Guabiruba, no município de Brusque, da maneira seguinte: "A divisão da propriedade chegou ao ponto que os sítios não mais sustentam as famílias numerosas, obrigando os filhos a procurarem trabalhos nas fábricas locais. O retalhamento acompanhado do esgotamento das terras e de um empobrecimento econômico, físico e moral da população, leva à proletarização lenta, mas incoercível de centenas de famílias rurais. E isso está-se dando em uma região de imensas reservas de terras virgens".

Nestas condições, por tôda a parte os jovens emigram das propriedades rurais para as cidades ou para novas zonas pioneiras, nas quais procuram adquirir terra e começar o mesmo ciclo econômico. Os colonos são pouco ligados à terra dos seus antepassados. Vendem-na ou a deixam logo que há uma oportunidade. Esta atitude é resultado direto do sistema de rotação de terras e se assemelha ao hábito nômade do caboclo ou do índio. E o transbordamento da frente pioneira do Rio Grande do Sul para as áreas vizinhas de Santa Catarina e do Paraná está também, em grande parte, relacionado com o sistema agrícola. Essa gente emigra não tanto por causa do aumento da população, mas em consequência da deterioração da terra. E' interessante notar que especialmente os alemães são pouco arraigados aos seus lares e à sua terra. A teoria de HÍTLER de "Blut und Boden" ou "sangue e solo" certamente não foi posta em prática no Brasil meridional.

Enquanto o sistema de rotação de terras requer propriedades que, segundo os padrões europeus, devem ser consideradas grandes, o sistema de rotação de culturas pode ser aplicado em lotes muito menores, com 10 a 15 hectares, em média.

### Tipo do povoamento

Finalmente, o tipo de povoamento é de grande significado para a colonização. Os colonos podem agrupar-se em povoamento aglomerado nas chamadas *Villages* ou em povoamento disperso. Os dois sistemas têm suas vantagens e desvantagens. No tipo de povoamento aglomerado, a vida social e comunal pode ser facilmente mantida; a frequência à escola ou ao serviço religioso não constitui problema algum. A dificuldade está no fato de que a terra de um agricultor fica a distância considerável de sua casa na vila, e que ele perde muito tempo indo e vindo de uma para a outra. O tipo de povoamento disperso tem a vantagem de que o agricultor vive na sua terra, e que a casa dele é cercada pelas suas lavouras, seus pastos, suas matas, etc. Isto torna a administração da propriedade muito mais fácil. A desvantagem é que o colono fica separado dos seus vizinhos e que os contactos sociais e culturais entre os membros de uma comunidade se tornam muito difíceis de manter, especialmente quando são pioneiros.

### Habitat rural

Por toda parte nas terras de mata do sul do Brasil temos "povoamento rural disperso". As propriedades, entretanto, não são espalhadas irregularmente, como acontece no *Middle West* dos Estados Unidos, mas são dispostas ao longo de certas linhas. Estas linhas são as picadas, abertas pelos pioneiros na mata original e que logo desde o princípio serviram como linhas de comunicação e estradas. Nas zonas serranas de colonização antiga, as linhas coloniais seguem normalmente os fundos de vales fluviais e de cada lado delas estão alinhados os lotes dos colonos, a distância de algumas centenas de metros. Algumas linhas coloniais têm 10 ou 20 quilômetros de extensão e centenas de lotes se distribuem ao longo delas. Esses lotes são estreitos ao longo da estrada e do rio, mas se estendem numa longa faixa retangular para o fundo, muitas vezes até o divisor de águas.

É este exatamente o tipo de povoamento e a distribuição da terra que eram usados no fim da Idade Média, na colonização das montanhas do leste da Alemanha. Lá, este tipo de povoamento é chamado *Waldhufendorf*. *Wald* significa floresta, *Dorf* quer dizer vila e *Hufe* se refere à faixa comprida e estreita de terra que foi entregue a cada colono.

A ocorrência do *Waldhufendorf* medieval alemão no sul do Brasil levanta uma série de problemas que não posso discutir aqui. O fato interessante é que este tipo de povoamento é quase desconhecido no norte, no oeste e no sul da Alemanha, de onde vieram os primeiros imigrantes. Quase toda essa população é originária de vilas aglomeradas (*Haufendörfer*), onde eles moravam comprimidos uns aos outros.

### Núcleos de população

Os "povoados aglomerados" estão localizados a distâncias de 8 ou 10 quilômetros, geralmente em cruzamentos de estradas. As casas

se distribuem em volta de uma igreja e um cemitério, a escola e uma ou duas lojas e bares. Há freqüentemente um moinho, um ferreiro ou um fabricante de rodas. Em outras palavras, êsses núcleos aglomerados são centros culturais, sociais e comerciais, muito característicos das áreas coloniais; são inteiramente desconhecidos nas regiões habitadas por luso-brasileiros e ocupadas pelo sistema de latifúndios.

As casas se alinham ao longo de uma ou duas estradas. Êstes povoados são *Strassendörfer* quando se considera sua projeção sobre o mapa. Entretanto, a sua função não é a de um *Dorf* ou vila européia, mas de uma pequena cidade. Os alemães por isso, denominam êstes povoados aglomerados *Stadtplätze*, mesmo que consistam apenas de algumas casas.

Além dêsses pequenos povoados comerciais rurais, formaram-se, nas áreas coloniais, muitos "núcleos urbanos" grandes e pequenos. Nestas cidades, os artífices, comerciantes e industriais europeus criaram comunidades prósperas, que se comparam favoravelmente com cidades européias de tamanho semelhante. As cidades de colonização alemã de Joinville e Blumenau e a de italiana de Caxias do Sul são pérolas de civilização e cultura urbana. Em muitas cidades luso-brasileiras, também, especialmente nas capitais dos estados, o elemento europeu contribuiu muito para o desenvolvimento do comércio, da indústria e da cultura.

Do total da população européia do sul do Brasil, talvez cerca de 40% vivem em núcleos urbanos e 60% em rurais.

Em contraste com a colonização rural, a "colonização urbana" teve pleno êxito no sul do Brasil. Os habitantes da cidade, em contraste com os colonos, permanecem em comunicação constante com a Europa, o Rio de Janeiro e as capitais dos estados. Assim, êles puderam participar do soerguimento geral da cultura no mundo e, ao mesmo tempo, preservaram o seu caráter étnico até muito recentemente.

A população rural do sul do Brasil, entretanto, quer seja de origem alemã, italiana, polonesa ou ucraniana, comparada em seu conjunto com os padrões europeus e norte-americanos, tem que ser classificada como uma população atrasada. Tôdas as coisas que fazem a vida moderna agradável e fácil são desconhecidas da maioria dela; o seu nível econômico e cultural corresponde ao do século XVIII e princípio de XIX. FRITZ PLUGGE, que é colono, chamou esta pavorosa situação de *Urwaldelend* ou vida miserável na mata. Na opinião dêle, só há um meio de resolvê-la: cultivar e colonizar os campos do sul do Brasil.

## II — O CULTIVO E A COLONIZAÇÃO DOS CAMPOS DO MERIDIONAL BRASIL

A maioria dos brasileiros acha talvez a idéia de cultivar e colonizar os campos inteiramente louca. Seria qualquer coisa como aconselhá-los a andar sobre a água ou a nadar na terra. São coisas contra

a natureza, que simplesmente não podem ser feitas. O conceito de que os campos não podem ser cultivados se baseia na crença de que o seu solo é pobre demais para a agricultura. E esta opinião é corroborada pelo fato de que através de todo o Brasil, os campos são usados somente para a criação de gado, ao passo que as florestas são usadas tanto para a agricultura como para a pecuária. O resultado desses métodos agrícolas foi uma destruição em massa das florestas, enquanto os campos têm geralmente preservado a sua vegetação natural.

O uso dos campos para terras de pastagens resultará de condições naturais ou econômicas? Será uma lei natural ou econômica? Deve ser necessariamente assim, ou isto representa apenas um estágio no desenvolvimento da agricultura brasileira? Levando-se em consideração somente o Brasil, poder-se-ia ser inclinado a acreditar que a divisão econômica do trabalho entre a mata e o campo é também uma divisão natural do trabalho. Entretanto, se recordarmos, como os Estados Unidos, nas décadas de 1830 e 1840 a colonização e a lavoura abandonaram a mata e atiraram-se para oeste para os prados abertos, depois de estes terem sido evitados pelos colonos durante muitos anos, então nos tornamos mais cuidadosos no nosso julgamento sobre as interrelações entre a vegetação e o uso da terra.

Num trabalho sobre "A vegetação e o uso da terra no Planalto Central", publicado nesta revista (n.º 3, ano X, jul-set. 1948, pp. 335-370), exprimi a opinião de que, sob certas condições, culturas não exigentes, tais como as da mandioca, do algodão e do abacaxi, serão praticadas nos difundidos campos cerrados, enquanto o campo limpo, devido às suas condições de solo, será provavelmente inadequado para o cultivo .

Nada seria mais errado do que generalizar estas conclusões e aplicá-las também ao Brasil meridional sub-tropical. Aqui não há estação seca; a chuva é igualmente distribuída durante o ano inteiro. Há poucos campos cerrados (no norte do Paraná somente), e os campos limpos são muito diferentes dos do Brasil tropical e poderiam ser comparados às estepes úmidas ou *prairies* das zonas temperadas. Enquanto os solos de campo limpo tropical são secos, duros e estéreis, não é este o caso no campo limpo sub-tropical. E' verdade que, também no sul do Brasil, os solos dos campos são geralmente mais pobres que os solos de mata, mas há muitas exceções a esta regra. Além disso, os solos de campo limpo do Brasil meridional são desprovidos de crosta superficial dura, o que constitui uma característica prejudicial, comum nos campos do planalto tropical.

### Rio Grande do Sul

Na bacia do alto rio Negro, ao longo da estrada de ferro que vai de Pelotas para oeste, a Bajé, foram feitas recentemente experiências em larga escala sobre a cultura do trigo em terras de campo. Foram bem sucedidas e agora o govêrno do estado está projetando

desapropriar as grandes fazendas de gado e dividir essas terras entre pequenos proprietários, a fim de promover a cultura do trigo. Não é surpresa que as estepes do extremo meridional do Rio Grande do Sul, que limitam com o pampa do Uruguai e da Argentina, sejam cultiváveis. Deve ser lembrado também que, no século XVIII, imigrantes açorianos cultivaram trigo em terra de campo no leste do Rio Grande do Sul em escala tal, que de 1780 a 1820, houve considerável exportação de trigo para o Rio de Janeiro.

O grande problema é: Os campos dos planaltos do sul do Brasil serão cultiváveis? Estes campos, com as terras mistas de mata e campo, cobrem uma área enorme e gozam de excelente clima. Hoje em dia, são ocupados por fazendas de gado e têm uma população extremamente escassa. Se fossem apropriados para a agricultura, poderiam ser submetidos à colonização por pequenos lavradores, e isto mudaria inteiramente a situação econômica e social dos planaltos.

No planalto ocidental do Rio Grande do Sul, vêem-se grandes campos arados nos arredores de cidades como Cruz Alta, Carazinho e Passo Fundo. Estes campos são aproveitados para o plantio de uma ou duas colheitas de mandioca, sendo depois plantados com eucaliptos para fornecer lenha às cidades. Muitos campos menores estendem-se nas vizinhanças das casas dos fazendeiros de gado; diz-se que produzem mandioca durante muitos anos, sem aplicar adubo. O milho, entretanto, não dá bem e, após a sua colheita, o campo tem que ficar em repouso durante alguns anos antes que se faça uma nova cultura.

Estas observações provam claramente que os campos dos planaltos do Rio Grande do Sul também são cultiváveis.

Nos planaltos de Santa Catarina, até agora não vimos nenhuma tentativa de cultivo de terras de campo. No planalto do Paraná, contudo, o cultivo e mesmo a colonização dos campos foram empreendidos há muitos anos e alcançaram aí notáveis resultados.

### Paraná

A primeira tentativa para colonizar os campos do estado do Paraná foi feita há 70 anos e resultou numa falência completa.

Nos anos de 1877-79, o governo imperial colocou cerca de mil famílias alemãs do sul da Rússia, dos chamados alemães do Volga, nos campos dos municípios de Ponta Grossa e Lapa. O objetivo claro de ambos, governo e colonos, foi de que estes cultivassem trigo em larga escala. Contrariando os conselhos de funcionários e particulares, os alemães do Volga não foram colonizar as férteis terras de mata, mas o campo que lhes fazia lembrar a estepes do sul da Rússia. Logo no primeiro ano, araram o campo e plantaram trigo, conforme estavam habituados a fazer na Rússia meridional. Entretanto, lá o solo é extremamente fértil e tão rico em húmus que é quase preto e produz safras imensas por muitos anos seguidos sem o uso de estêrco. No Paraná, porém, a primeira colheita foi uma falência completa e os

colonos, com grande tristeza, aprenderam que os solos do campo limpo são pobres e muito inferiores aos da estepe russa. Desesperados, cerca de 50% dos imigrantes abandonaram o Paraná e o Brasil, e imigraram para a Argentina e os Estados Unidos ou voltaram para a Europa. Aquêles que ficaram ou se dedicaram ao comércio do transporte e se tornaram habitantes da cidade bem prósperos, ou adotaram o sistema de rotação de terras e cultivaram terras de mata, deixando o campo para pasto. As novas colônias foram estabelecidas no limite entre a mata e o campo.



Fig. 25 — O povoado Mariental de alemães do Volga no município de Lapa (Paraná).

(Foto Nilo Bernardes. 13-V-948).

Das outrora numerosas colônias de alemães do Volga no Paraná só restam quatro. Há duas comunidades protestantes no município de Palmeira e duas católicas no município de Lapa. Cada colono recebeu, de um lado, 17 hectares de terra de cultura num só lote dentro da mata; do outro, no campo, recebeu a mesma quantidade de terra de pasto. Esta, entretanto, não é dividida em propriedades individuais, mas é usada como pasto comum. As casas dos colonos são cercadas por meio hectare de terra para jardim e se estendem de ambos os lados de uma rua muito larga, formando uma vila compacta.

Seria de esperar que a moradia nestes núcleos aglomerados mantivesse os padrões sociais e culturais dos alemães do Volga num nível elevado. Entretanto, isto não aconteceu. A verdadeira situação econômica, social e cultural nestas quatro vilas é a mesma que a da maioria dos colonos da mata, que vivem num povoamento disperso. As casas e a população não impressionam favoravelmente e poucas

famílias parecem prósperas. Os colonos têm pouco gado, daí resultando que só podem estrumar os jardins que cercam as casas. Na mata, todos êles usam o sistema de rotação de terras e, em consequência, depois de 70 anos de ocupação, os solos estão esgotados e as safras são extremamente pequenas. Aqui encontramos, na região mista de mata e campo, a mesma estagnação econômica e cultural que caracteriza as áreas de mata de colonização antiga.

### Carambei

Esta primeira tentativa malograda de colonizar e cultivar os campos do estado do Paraná não encorajou outras medidas nesse sentido durante muitos anos. A tentativa seguinte foi feita pela companhia inglesa Brazil Railway Co., que construiu a estrada de ferro entre São Paulo e o Rio Grande do Sul. Em 1911, no ponto mais alto da linha a 1 100 metros de altitude entre as cidades de Castro e Ponta Grossa, num campo limpo típico, a Companhia iniciou uma colônia com elementos holandeses e alemães, chamada Carambei, a fim de promover a cultura do trigo. Apesar da grande inversão de capital e de trabalho, a colônia não prosperou durante cerca de 20 anos. Entretanto, a partir do começo da década de 1930, com a chegada de alguns holandeses ricos, proprietários de plantações das Índias Orientais, as condições melhoraram extraordinariamente e, de todas as colônias menores que eu vi até agora no Brasil, Carambei, é a mais adiantada e a mais próspera. E está situada em plena terra de campo limpo!

Quando alguém se aproxima de Carambei de automóvel através do campo limpo, vê, sobre uma elevação comprida e larga, uma flo-

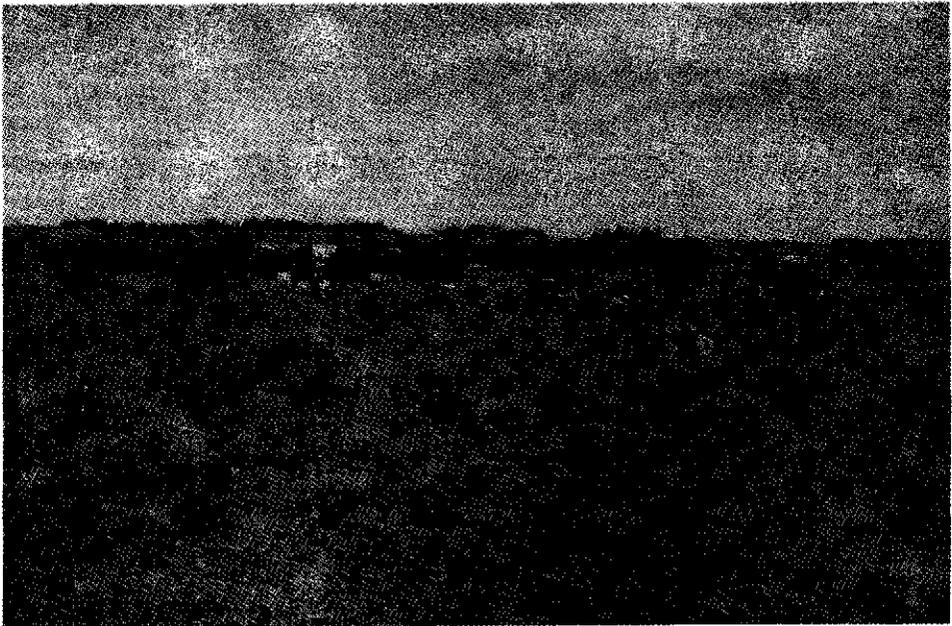


Fig. 26 — A colônia holandesa Carambei em campo limpo. Em torno das casas há bosques de eucalipto, campos de cultura e pastos naturais e artificiais. 22-V-948.

resta verde escura de eucaliptos, interrompida aqui e ali por construções de telhado vermelho vivo. Ao entrar no povoado, que se estende por cerca de 15 quilômetros ao longo de uma única rua seguindo a crista da elevação, fica-se surpreso de ver casas modernas de tijolos, bonitas e limpas, como se vêem nos subúrbios das cidades, e estábulos sólidos para animais, mais bem construídos e conservados que as casas de muitos colonos da mata. Em tórno das hortas de

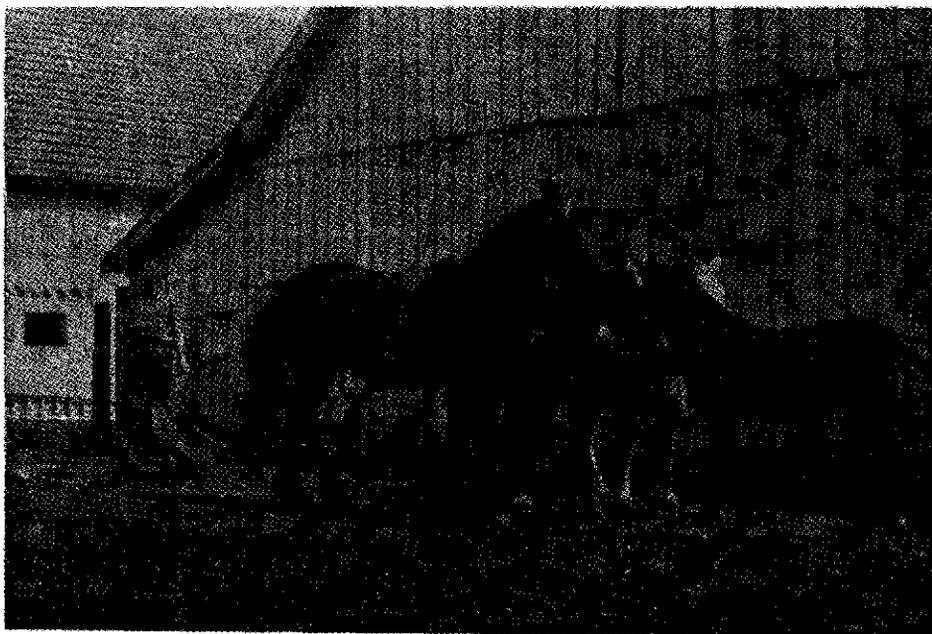


Fig. 27 — Durante a noite os animais são guardados em estábulos bem construídos.  
Carambeí — Paraná.

(Foto Nilo Bernardes. 4-V-948).

verduras, estendem-se campos arados e pastos cultivados que alimentam um gado gordo, preto e branco, enquanto as encostas de ambos os lados da elevação estão revestidas por vegetação de campo natural, seja por grandes manchas de matas de eucaliptos e acácias. Os moinhos de vento, girando ao impulso de uma brisa constante; os cavalos pesados atrelados a carroças de quatro rodas; o grande número de bicicletas, e o povo louro, saudável e forte... Tudo é tão diferente daquilo que estamos acostumados a ver no Brasil. Aqui se tem de fato a impressão de estar na Holanda ou no Middle West dos Estados Unidos.

O grande êxito desta pequena colônia holandesa é tanto mais surpreendente porquanto os solos de Carambeí são decidamente pobres em substâncias nutritivas; o cálcio e o fósforo são completamente ausentes. Contudo, são solos profundos, fáceis de arar e relativamente ricos em água subterrânea. Uma terra como esta só poderia ser cultivada com a aplicação regular de fertilizantes e estrume. Isto os holandeses, ao contrário dos alemães do Volga, cabiam logo, desde



Fig. 28 — Casa de moradia de um colono em Carambeí.

(Foto Walter A. Egler. 29-II-949).

o início. Disseram-nos que a companhia ferroviária inglesa embarcou da Europa para Carambeí um navio cargueiro cheio de adubo artificial superfosfatado. Mais tarde, deu-se ênfase ao adubo animal e, para obtê-lo, o gado foi guardado nos estábulos tôdas as noites. Êstes colonos não podiam deixar as suas reses vagarem pelo vasto campo, como o fazem os donos das grandes fazendas de gado. Também não podiam — por causa da pobreza do solo — aplicar o sistema de rotação de terras na agricultura, conforme é uso entre os seus vizinhos nas áreas de mata, a leste. Assim, os holandeses fizeram da necessidade uma virtude e logo desde o princípio aplicaram a rotação de culturas combinada com a criação de gado, como estavam habituados a fazer na Europa.

Em outras palavras: A colonização no campo começou com o sistema agrícola mais intensivo, sistema êsse que levou decênios para se desenvolver nas matas, onde constitui o clímax de uma série de vários estágios agrícolas. E enquanto nas matas do sul do Brasil, a combinação da rotação de culturas com a pecuária só é aplicada por um número muito pequeno de colonos, no campo, todo lavrador tem de usá-la a fim de poder manter sua lavoura. Aqui, ela é uma "*conditio sine qua non*".

Os laticínios são a indústria básica de Carambeí. Em média, cada agricultor tem cêrca de 20 vacas, e a colônia no seu conjunto, cêrca de 1 000. O grande problema é alimentar êsses animais consumidores o ano inteiro. Para êsse fim, cada proprietário tem um pasto natural

e outro artificial, cultiva plantas forrageiras em campos arados, e além disso, importa milho e caroço de algodão do norte do Paraná. O milho, o arroz de terra enxuta, o trigo, a batata inglesa, a batata doce, a mandioca, o nabo e a espérgula são os principais produtos cultivados no campo de Carambeí.

O tamanho médio da propriedade está entre 50 e 200 hectares; destes, só 5 a 10 hectares estão em cultivo, enquanto 2 a 3 hectares estão plantados com capim "kikuiu".

Em Carambeí vivem cerca de 50 ou 60 famílias, das quais cerca de 90% são de origem holandesa. Os colonos estão organizados em cooperativa agrícola e vendem os seus produtos (manteiga) para Ponta Grossa e Curitiba. A população protestante, que predomina, é adepta dos princípios puritanos; não há nenhum botequim na comunidade.

### Terra Nova

Encontramos uma situação semelhante na colônia muito mais jovem chamada "Terra Nova", situada igualmente no município de Castro, entretanto não em pleno campo, mas parte em terra de mata. Terra Nova é criação da companhia alemã "Gesellschaft für Siedlung im Auslande", que foi fundada e sustentada pelo governo alemão e que estabeleceu colônias em várias partes do mundo, tudo de acordo com certos planos e princípios.

Em Terra Nova, segundo o plano original, deviam ser estabelecidas duas vilas nas terras de uma antiga fazenda de gado que tinha uma área de 5 800 hectares. As vilas eram próximas uma da outra, porém um tanto diferentes: uma devia ser habitada somente por católicos e a outra só por protestantes. O povoamento começou em 1932, mas das duas vilas só a católica, chamada Garcês, desenvolveu-se satisfatoriamente. Parece que a razão disso foi que, em Garcês, foram colocados imigrantes vindos da Alemanha, todos trazendo algum capital e com um nível de educação relativamente elevado.

A colônia foi disposta exatamente conforme o padrão das vilas de alemães do Volga, recebendo cada colono 19,3 hectares de terra de mata e 9,6 hectares de campo, a primeira para ser utilizada pela agricultura e a última pela criação de gado. Muito depressa, entretanto, provavelmente influenciados pela experiência dos holandeses em Carambeí, alguns colonos se aperceberam da possibilidade do cultivo do campo e ficaram admirados ao ver como o milho e o arroz de terra enxuta dão bem em terra de campo arada e adubada. Agora houve uma mudança decisiva em Garcês, da mata para o campo, e neste vêem-se algumas boas casas de colono comparáveis às de Carambeí. Em Garcês vivem 65 famílias. Um só colono que mudou a sua lavoura da mata para o campo paga a mesma quantidade de impostos que era paga antigamente pelo proprietário da fazenda em que foi estabelecida a colônia. E o que é mais importante: o preço da

terra de campo, que a princípio era de 25% mais baixo que o da terra de mata, agora é igual ao desta última. Esta situação dos preços da terra é talvez única no Brasil inteiro.

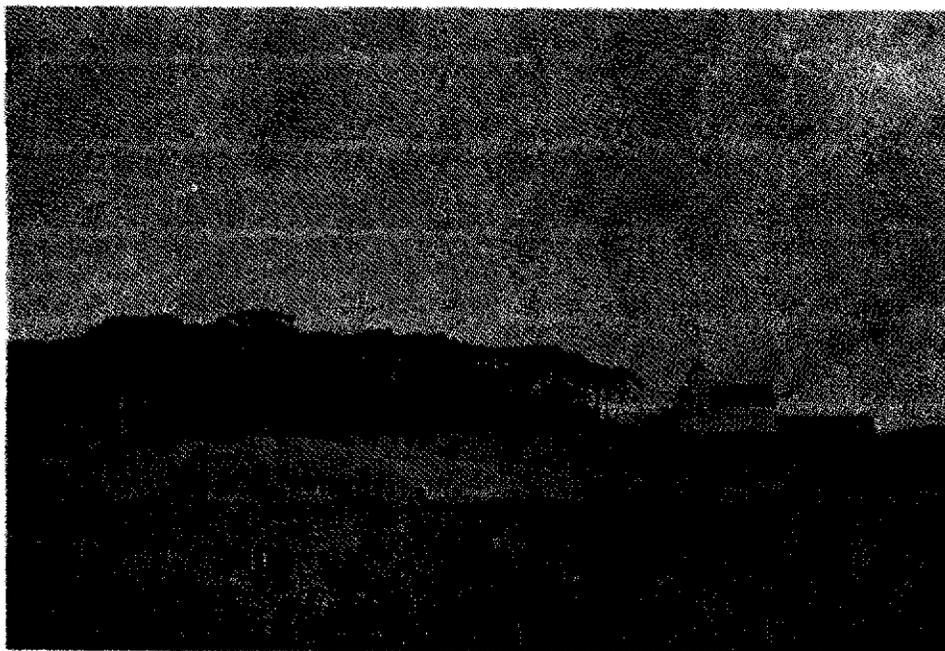


Fig. 29 — A colônia alemã de Garcês que está localizada na borda da mata com o campo limpo. No primeiro plano à esquerda, campos arados e adubados em terras de campo natural. 3-V-948.

### Boqueirão-Curitiba

Há uma terceira colônia no campo do estado do Paraná. Foi fundada em 1933 em base de cooperativa por menonitas vindos da Rússia, que se estabeleceram a cerca de 12 quilômetros a sudeste da cidade de Curitiba. Enquanto todos os antigos colonos europeus em torno de Curitiba tinham escolhido terras de mata, estes recém-chegados compraram uma fazenda de gado no campo e começaram imediatamente a cultivá-la segundo o sistema de rotação de culturas combinada com criação de gado. E' interessante notar que um outro grupo de menonitas vindo da Rússia, que chegou na mesma época ao alto vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina e ocupou terras na zona pioneira, adotou o sistema primitivo de rotação de terras, não por sua livre escolha, mas devido à grande distância do mercado, que tornou a agricultura intensiva impossível. Depois de 15 anos de vida frustrada na floresta, muitos desses menonitas se estão mudando agora para a estepe meridional do Rio Grande do Sul (vale do rio Negro), a fim de plantar trigo de acôrdo com um tipo mais intensivo de agricultura.

Até a ocasião da nossa visita, os menonitas de Curitiba declararam não ter ouvido falar de Carambeí, e não compreenderam a minha pergunta sobre a origem do seu sistema agrícola. Ao presidente da coope-

rativa, o cultivo de terra de campo parecia uma coisa natural. Disse-me êle que o solo do campo não é mau, mas precisa de mais estêrco do que o solo da mata. Por outro lado, as lavouras no campo são mais fáceis de conservar livres de pragas do que as lavouras estabelecidas em antigas terras de matas.

Na colônia menonita de Curitiba, vivem 132 famílias, cada uma das quais, tem 5 a 10 hectares de terra que se estende ao redor do quintal da propriedade. A terra é arada e adubada. A quantidade de terra sob cultivo depende da quantidade de estrume disponível; relação esta que é de muita importância! A batata inglesa, a batata doce, o milho e o centeio são as principais culturas.

Em média, cada colono tem 10 a 20 cabeças de gado leiteiro, na maioria de meio sangue holandês e suíço. Durante a noite, os animais são guardados em estábulos, mas durante o dia, ficam no pasto comum. Não é êste propriedade dos colonos, mas alugado de fazendeiros vizinhos. Conforme acontece em Carambeí, tem que ser importada forragem, na forma de caroço de algodão, milho, feno, etc., do norte do Paraná e mesmo do estado de São Paulo. Não há fábrica de manteiga ou de queijo. O leite é vendido diretamente aos consumidores da cidade.

As duas ruas do povoado estendem-se sôbre uma elevação larga. Devido à sua fundação recente, muitas casas são simples e mesmo primitivas; gado e sêres humanos vivem debaixo do mesmo teto. Outros colonos, contudo, construíram estábulos sólidos e casas modernas, como as que se vêem em Carambeí. Os preços da terra têm

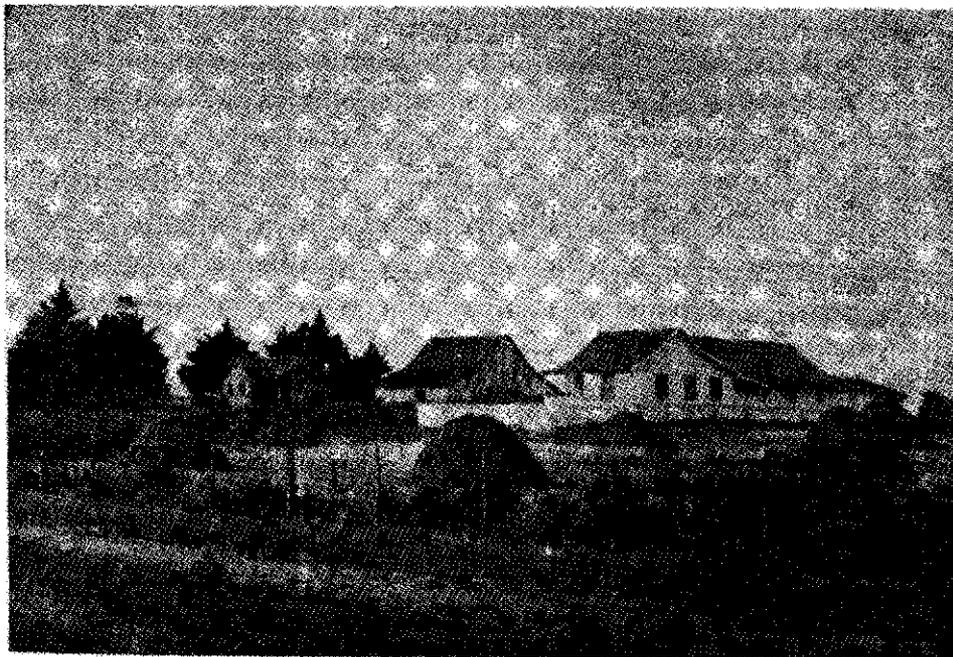


Fig. 30 — Colônia de Menonitas em terras de campo natural em Curitiba. Sistema de rotação de culturas.

(Foto Nilo Bernardes. 11-V-948).

quase duplicado de ano para ano. Há uns 14 anos atrás, o preço de alqueire (2,42 ha.) era de 1 700 cruzeiros; hoje, é de mais de 20 000 cruzeiros. E isto no campo; é bem verdade que na vizinhança imediata de uma grande cidade.

### III — CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Das observações e fatos relatados na segunda parte deste trabalho, chego à conclusão de que os campos dos planaltos do sul do Brasil podem ser cultivados e colonizados, se forem aplicados métodos agrícolas intensivos e se fôr assegurado um mercado para produtos comerciais compensadores. Esta conclusão levantará provavelmente muita discussão e controvérsia entre os colonos da mata.

Neste ponto, desejo contar uma breve história. O consulado alemão em Curitiba editava e publicava uma revista agrícola chamada *Centro Agrícola*. Nesta revista, em 1932, apareceu um artigo intitulado *Colônia Utopia*, no qual eram explicadas as desvantagens da colonização na mata e se fazia propaganda da colonização e da lavoura no campo. Seu autor era FRITZ PLUGGE, que era, éle próprio, colono da mata, e que tenho mencionado repetidamente. Dois anos mais tarde, por causa das idéias expostas no artigo, foi éle nomeado diretor da colônia Terra Nova. Entretanto, os colonos alemães tinham uma opinião completamente diferente sôbre o artigo, que causou tremenda celeuma entre êles. O editor foi crivado de cartas, nas quais as idéias do senhor PLUGGE eram violentamente atacadas e classificadas como loucas ou ridicularizadas. Alguns colonos ameaçaram retirar a assinatura da revista, se não dessem um paradeiro imediato àquele contrassenso. A discussão foi viva e acalorada e de todo não objetiva.

As razões que eram dadas contra a colonização do campo eram, em parte, as mesmas que há cem anos os fazendeiros do Middle West dos Estados Unidos tinham usado para desacreditar a colonização dos prados. "Os prados eram geralmente evitados pelos primeiros povoadores por várias razões: 1) A ausência de árvores era considerada como significativa de que êles eram inférteis. 2) A madeira era de necessidade imperiosa para a construção de cêrcas e para combustível. 3) Lá não havia proteção contra os severos ventos do inverno, que, acima de tudo, tornavam a estação desagradável. 4) Para o lavrador, os prados com sua relva coriácea e de raízes entrelaçadas constituíam um problema novo e desconhecido no seu conjunto. Durante certo tempo, os homens ficaram incapazes de resolver êste problema, e os prados eram considerados como "inabitáveis por uma idade". Lá para 1836, os poucos que achavam os prados susceptíveis de ocupação eram vistos como loucos visionários".<sup>5</sup>

O problema que o Middle West enfrentava há cem anos atrás e que o sul do Brasil enfrenta hoje em dia é basicamente o mesmo: é o

<sup>5</sup> H. H. BARROWS: "Geography of the Middle Illinois Valley". Illinois State Geological Survey. Bulletin n.º 15, 1910, pp. 77-78. Agradeço a Miss Wrigley a referência desta citação.

método de cultivar a estepe. Nos Estados Unidos, onde o solo do prado é muito melhor do que o solo da mata, o problema era: como romper a relva coriácea do prado? Foi resolvido pela invenção do arado de aço.

No sul do Brasil onde o solo do campo é mais pobre que o solo da mata, o problema é aplicar bastante adubo e fertilizante para tornar o cultivo possível. Em ambos os casos, o problema fundamental não é o contraste natural entre a mata e a estepe, mas o contraste econômico entre diferentes métodos e técnicas agrícolas.

No sul do Brasil o colono da mata pode usar o primitivo sistema de rotação de terras que não requer nem capital nem conhecimento, mas apenas capacidade de adaptação e trabalho árduo. No campo, também, o colono tem que trabalhar penosamente. Além do trabalho, entretanto, ele precisa de capital para comprar animais e instrumental agrário e, sobretudo, precisa de conhecimento para poder aplicar um sistema agrícola intensivo.

Exagerando, podemos dizer: Na mata, todos podem aplicar o sistema de rotação de terras, o índio, o caboclo de origem luso-brasileira e o imigrante europeu pobre e sem educação, quer seja alemão, italiano ou polonês, etc. No campo, somente o lavrador treinado e educado, com algum capital, pode aplicar o sistema de rotação de culturas combinada com criação de gado. Tem êste que vender um produto comercial valioso, portanto depende de mercado, ao passo que o colono da mata pode sustentar uma vida pobre, baseada na agricultura de subsistência, durante decênios.

Naturalmente, o sistema de rotação de culturas combinada com a pecuária também pode ser usado na floresta, se o solo da mata for tratado como o do campo, isto é, arado e adubado regularmente. Dos dois processos, a adubação é muito mais importante do que o uso do arado. Frequentemente lemos nos jornais que os agricultores brasileiros devem usar o arado, e que êste processo de mecanização é a medida mais importante para a intensificação dos métodos agrários. Entretanto, não é êsse o caso. O uso do arado concorda perfeitamente com o sistema de rotação de terras e, por outro lado, os colonos japoneses aplicam um sistema agrícola muito intensivo sem usar o arado. Não é tanto o emprêgo de instrumentos quanto à aplicação regular de estrume e fertilizantes e a rotação sistemática de culturas que constituem os elementos básicos da agricultura intensiva. Sem inundação natural e irrigação, esta só pode ser conseguida por meio de uma combinação de lavoura e pecuária.

A ausência dêste sistema de associação lavoura-pecuária é o fato fundamental da vida econômica do Brasil, bem como de todos os outros países dos trópicos americanos. Aí, os dois principais ramos de agricultura estão separados, tanto econômica quanto espacialmente. Isto leva, por um lado, ao primitivo sistema de rotação de terras, e por outro, ao igualmente primitivo sistema de pastoreio em grandes fazendas. Desta maneira, o Brasil tem desperdiçado e perdido o fer-

tilizante mais valioso, o estrume, e os seus solos têm deteriorado a tal ponto que têm causado alarme aos agricultores assim como aos estadistas.

De acôrdo com a lei de VON THÜNEN, a pecuária isolada sob a forma de pastoreio é economicamente sadia e justifica a grande distância do mercado. Encontramo-la, portanto, nas áreas remotas de muitos países. À semelhança da distância do mercado, o clima sêco favorece a separação econômica entre a lavoura e a criação de gado. No Brasil, entretanto, a pecuária sob a forma de pastoreio em grandes fazendas ocorre não somente no interior longínquo e no nordeste semi-árido, mas também nas terras úmidas e outrora florestais, ao longo da costa marítima. O sertão litoral, ou deserto demográfico ao longo da costa, é um aspecto tipicamente brasileiro, que não encontramos em nenhum outro grande país do mundo. E a horrível tríade cultural do Brasil: falta de alimentos, subnutrição e pobreza da população, estão basicamente relacionadas com a separação econômica e espacial da agricultura e da pecuária.

Tanto o público quanto as autoridades estão bem prevenidos da situação alimentar precária e perigosa do país, e planos grandiosos estão sendo propostos e desenvolvidos, a fim de melhorar a situação. Para mim, como geógrafo agrícola, o mais importante a fazer é: dar um fim à fatal separação econômica e espacial da lavoura e da pecuária, que solapa a agricultura brasileira como um câncer econômico. Em vez disso, adotar métodos agrícolas europeus-americanos em tôdas as áreas em que as condições climáticas o permitam... E' êste, sem dúvida, o caso nos planaltos do sul do Brasil com seu clima de *tierra templada* e *tierra fría*. Apenas àquelas regiões se aplicam as observações que se seguem. Não se aplicam, portanto, ao Brasil tropical; quero deixar bem clara esta limitação.

Os agricultores do Brasil têm que aprender que as condições de solo não são finais nem irrevogáveis, como o são a topografia e o clima, mas são variáveis e podem ser melhoradas ou deterioradas pela atividade humana. Os solos devem ser cuidados e cultivados como as culturas! Devido ao cultivo secular dos seus solos, a Europa, ou pelo menos a Europa Central e Ocidental, tem pouca ou nenhuma erosão ou esgotamento de solo. E' êste o aspecto de paisagens culturais jovens, e não velhas. Se forem tratados convenientemente, podem os solos pobres produzir quase a mesma coisa que os ricos. A aplicação de adubo, animal ou artificial, é o alicerce da agricultura intensiva do tipo europeu.

A aplicação dêste sistema no Brasil representa a quebra de uma tradição secular, uma completa mudança nas técnicas agrícolas e o desenvolvimento de um novo espírito econômico. A velha geração de colonos da mata nunca mudará da rotação de terras para a rotação de culturas; continuará a queimar as florestas até que as derradeiras manchas de mata virgem tenham desaparecido do solo do Brasil meridional. Para educar a geração mais jovem e as crianças, no novo

método de cultivo, levará talvez um tempo muito longo. Proponho por isso outra solução, que é a mais rápida e também mais radical: a colonização dos campos dos planaltos do sul do Brasil.

Não quero dizer que todos os campos do sul do Brasil devam e possam ser cultivados. Há grandes áreas de campos limpos, especialmente no planalto paleozóico do Paraná que decididamente não são apropriados para o cultivo. (Entretanto, é neste planalto que está situada a colônia holandesa de Carambeí. Recomendo especialmente para o povoamento e a colonização, as áreas com vegetação mista de mata e campo. Cada colono deveria receber uma pequena mancha de terra florestal, que lhe forneceria madeira de construção e combustível; a casa do colono e as suas lavouras seriam, contudo, estabelecidas em terra de campo. Aí, tem êle à sua disposição pastos naturais e terras fáceis de arar, bastante água subterrânea e um excelente clima. Além disso, como a estrada de ferro de São Paulo ao Rio Grande do Sul segue por centenas de quilômetros os divisores de águas com sua vegetação de campo, o colono não teria que se preocupar muito com o transporte, coisa de vital importância para os seus produtos comerciais.

Não tratarei dos problemas políticos e financeiros que o povoamento, ou melhor, o repovoamento dêsses campos implicará. Os grandes fazendeiros de gado não gostarão da idéia ou, pelo menos pedirão preços exagerados pelas suas terras. A maior dificuldade será conseguir o tipo de colono que será requerido para o cultivo do campo, o pequeno proprietário europeu treinado e experimentado em agricultura intensiva.

Tenho muitas vezes a impressão de que aqui no Brasil, no que diz respeito à colonização, pensa-se unicamente, ou principalmente, no interesse do país, e presta-se pouca ou nenhuma atenção aos interesses do imigrante. Êste tem que ficar com aquilo que se lhe oferece, pensam muitos brasileiros. Mas isto é inteiramente errado, conforme o prova claramente a história da colonização no Brasil. A colonização é uma espécie de casamento entre um país e uma pessoa ou uma família, e cada parte tem seus interesses, suas reivindicações, seus deveres e seus direitos, que devem ser respeitados por ambos os cônjuges, se se quiser que o casamento seja feliz. Os colonos devem encontrar no novo país condições legais, sociais e culturais que os satisfaçam completamente. Estas condições foram proporcionadas na parte norte dos Estados Unidos e foram estas as principais razões por que esta parte do mundo recebeu mais imigrantes do que qualquer outro país.

As condições legais e sociais serão especialmente exigidas por aquêles colonos que tenha em mente para o povoamento dos campos do sul do Brasil, o pequeno agricultor europeu, possuidor de conhecimentos e de algum capital. Essa gente não está, de modo algum, na dependência do Brasil. Êles terão possibilidades na Argentina, no Canadá, na Austrália e em muitos outros países do mundo. Se o

Brasil deseja obter e conservar êstes imigrantes, deve acomodar-se à psicologia dêles, da mesma maneira que os colonos deverão adaptar-se ao novo país e às suas instituições econômicas e culturais.

Quais são as exigências sociais e culturais de uma colonização européia próspera e florescente no Brasil? Omitirei o aspecto legal da questão e restringir-me-ei sômente aos aspectos que podem ser estudados e analisados por um geógrafo de campo. Posso adiantar que os meus assistentes e companheiros de viagem brasileiros participam da minha opinião e chegaram à mesma conclusão, observando e comparando muitas colônias.

Desejo salientar três pontos.

Primeiro: *Cada colônia deve representar uma unidade étnica.*

Com isso quero significar que ela deve ser habitada por algumas centenas de holandeses ou alemães ou polacos ou italianos, e assim por diante. Sei que êste ponto repudia a presente lei e fará surgir muita divergência e oposição. Contudo, é necessário discuti-lo franca e sinceramente no interêsse do objetivo comum.

A idéia das leis de 1938 é evitar a colonização nacional em larga escala, como aconteceu em algumas partes dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Aí, na opinião da maioria dos brasileiros, algumas colônias alemãs e italianas quase chegaram a formar um "estado dentro do estado". Para impedir um cisma nacional, as novas leis determinam que só podem ser estabelecidas colônias mistas. Não é conveniente para mim, como estrangeiro, criticar as leis do país. Entretanto, espero que me permitam assinalar o fato de que tanto os alemães, como os italianos, polacos e ucrainos prestaram maior benefício a si próprios e ao Brasil lá onde foram colonizar em áreas compactas. Para comprovar esta afirmação, basta-me sômente citar colônias tais como Blumenau, Caxias do Sul, a colônia polonesa de Araucária e a ucraina de Prudentópolis, as duas últimas no estado do Paraná. Onde os colonos europeus se estabeleceram em comunidades isoladas ou em pequenos grupos entre os luso-brasileiros, ficaram estagnados ou se tornaram caboclos.

Em lugar de colônias compactas, étnicamente uniformes há atualmente a tendência para se estabelecer "colônias mistas", nas quais os luso-brasileiros devem viver entre os estrangeiros de diferentes origens étnicas, a fim de assimilar a êstes últimos o mais depressa possível. Aquêle que acredita nesta espécie de colonização não conhece a psicologia dos imigrantes, nem jamais viveu como forasteiro numa comunidade estrangeira, mas terá oportunidade de conferir as suas idéias, visitando o núcleo colonial Barão de Antonina, que foi fundado em 1930 pelo estado de São Paulo, como uma experiência social de colonização mista. Em 1938, viviam na colônia 162 famílias luso-brasileiras e 154 estrangeiras pertencentes a 15 nacionalidades diferentes. Os lotes foram distribuídos de tal maneira que a criação de quistos étnicos dentro da comunidade era impossível. Desta forma a administração esperava que os estrangeiros assimilariam rapidamente a vida

e a cultura brasileiras, e que os brasileiros aprenderiam daqueles, os métodos mais adiantados de agricultura<sup>6</sup>. O que realmente aconteceu foi que os estrangeiros, inclusive os japoneses, baixaram o seu padrão agrícola e adotaram o sistema de rotação de terras melhorada dos brasileiros. Houve poucos casamentos entre estrangeiros de nacionalidades diferentes ou entre estrangeiros e seus vizinhos brasileiros, e fica-se com a impressão de que a situação social e cultural não é feliz. Deve mencionar-se, entretanto, que o desenvolvimento da colônia foi prejudicado pela sua posição num recanto longínquo do estado, a 88 quilômetros da estação ferroviária mais próxima, e que as dificuldades de transporte, assim como a malária e os erros cometidos pela administração interferiram com a execução de uma experimentação social "pura".

Pelo que aprendi em Barão de Antonina e em muitas colônias do sul do Brasil, a primeira geração de imigrantes europeus só ficará satisfeita e feliz se lhe fôr permitido formar uma comunidade que seja uniforme do ponto de vista étnico, social e cultural. Não me compreendam mal. Não estou propondo colocar imigrantes em grandes colônias compactas, como sucedeu em Blumenau ou em Caxias do Sul. Minha idéia é formar várias pequenas comunidades européias, de origem étnica uniforme, dentro da mesma área. Por exemplo: uma colônia, ou melhor, uma comunidade alemã, ao lado de uma holandesa; uma italiana entre elas; povoados poloneses e ucranios ao redor deles e todos, naturalmente, entremeados de comunidades luso-brasileiras. De acôrdo com êste princípio, que se poderia chamar de "colonização étnica disseminada", não há perigo de formação de quistos e, por sua vez, será facultado aos colonos desenvolver um sentimento associativo, de que formam uma unidade.

Êste princípio já está pôsto em prática no município de Castro que, para a colonização, pode ser considerado como outra estação experimental. Êsse mesmo princípio desenvolveu-se espontâneamente entre os primeiros povoados dos Estados Unidos, especialmente no Middle West; mas na segunda e terceira geração foi abandonado e hoje em dia dificilmente se encontram remanescentes dêle. De qualquer forma, atualmente é preciso ser um observador cuidadoso para descobri-los no meio da população amalgamada.

Ora, porque deveria o Brasil evitar a colonização étnica disseminada, que é claramente um desejo natural dos imigrantes e que surtiu tão bom efeito nos Estados Unidos? Não se iludam. A colonização étnica disseminada é para o Brasil muito mais importante e necessária à colonização bem sucedida, do que jamais o foi para os Estados Unidos. E por que?

No Middle West dos Estados Unidos, os imigrantes da Europa encontraram um meio social inteiramente novo, no qual as velhas instituições da Europa, o sistema de latifúndio, o exército e a igreja,

<sup>6</sup> Ver o artigo de PIERRE MOMBEG, "The Colonial Nucleus Barão de Antonina". *Geographical Review*, abril de 1940, pp. 260-271.

tinham perdido o seu poder. A terra podia ser tomada livremente por qualquer um; os imigrantes adquiriram logo todos os direitos cívicos e participaram na formação da nova sociedade. Os Estados Unidos são um "Novo Mundo", não tanto geograficamente quanto socialmente. E' isto o que os europeus entendem pela palavra mágica "América".

Neste sentido da palavra, o Brasil não pertence à América. O imigrante europeu encontra no Brasil não um mundo novo, mas social e culturalmente um mundo velho, com as mesmas instituições que êle deixou na Europa. Para os italianos, espanhóis ou portugueses, isto não significa muito. Mas os centro-europeus encontram no Brasil um meio inteiramente diferente; êles não emigram para a América, mas para Portugal. E esta é a razão pela qual essa gente, de que o Brasil precisa, porque êles estão entre os melhores agricultores do mundo, tem tantas dificuldades para adaptar-se ao novo país. E é exatamente por isso que lhes deve ser dada a oportunidade de se assimilarem em grupos, ao invés de individualmente, bem como de formar comunidades que sejam uniformes do ponto de vista étnico. Estou certo de que a segunda geração e as posteriores serão assimiladas como o foram nos Estados Unidos.

*Segundo ponto: Cada comunidade deve ser uniforme não só étnicamente, como também do ponto de vista religioso.*

Para compreender êste ponto, devemos recordar como a Europa Central e Oriental é fracionada do ponto de vista religioso. Para o colono dessas regiões, depois do idioma, o elemento mais importante da vida de sua comunidade é a religião. E' digno de ver-se como, aos domingos, vêm colonos de tôdas as partes à igreja, de carroça ou a cavalo e, depois que termina o serviço religioso, ficam juntos conversando horas seguidas. Para o colono, o serviço divino no domingo é o acontecimento social mais importante da semana.

Os próprios colonos têm demonstrado claramente como é importante para êles o caráter religioso uniforme de uma colônia. Quando os alemães do Volga vieram para o Brasil, insistiram no direito de formar comunidades religiosas distintas, e isto lhes foi assegurado pelo governo imperial. Presentemente, as quatro vilas de alemães do Volga no estado do Paraná são estritamente ou protestantes ou católicas, como vimos anteriormente.

O plano original para a colônia alemã de Terra Nova compreendia o estabelecimento de duas vilas, uma católica e outra protestante. Êste plano foi elaborado em 1933 por nazistas, que não tinham absolutamente nenhum interêsse nas religiões em si. Êles porém sabiam quanto elas significavam para os futuros colonos. Garcês, a vila que daí nasceu, é principalmente habitada por católicos, ao passo que a vila holandesa de Carambei é predominantemente protestante.

Nas áreas de colonização antiga do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, as disputas religiosas entre católicos e protestantes têm causado danos tremendos em muitas colônias. Em vista disso, nas

colônias mais novas, fundadas mais para oeste, os colonos muitas vezes espontaneamente se separaram segundo as religiões.

Muito importante para qualquer colônia é a personalidade do padre. Ele deve ser um verdadeiro chefe em todos os assuntos que se referem à colônia. O pastor da comunidade protestante de Carambeí é um homem de grande cultura, com larga experiência no seu país e no estrangeiro, e o cônsul holandês no estado do Paraná. O padre católico de Garcês me foi descrito como um verdadeiro condutor, que sabe manter coesa a comunidade e atender aos seus interesses onde for necessário. A grande colônia ucraina de Prudentópolis é considerada tão próspera principalmente porque é orientada e conduzida por padres católicos gregos, altamente educados. Por outro lado, é claro que as colônias de alemães do Volga sofreram muito por nunca terem tido os seus próprios padres educados.

Terceiro ponto: *Somente professores realmente bons devem ser mandados às colônias estrangeiras.*

Muitas colônias estrangeiras antes de 1938 tinham suas escolas particulares, organizadas pelas igrejas. Não sei qual era a qualidade delas. Sei, porém, que hoje em dia os colonos de quase toda parte se queixam do baixo nível dos professores das escolas estaduais. Esta situação é muito séria. Os professores numa comunidade de estrangeiros exercem a difícil tarefa de preservar a tradição cultural estrangeira e amalgamá-la com a cultura brasileira, e de fazer da geração nova, fervorosos cidadãos brasileiros. Todos os pais do mundo só têm um desejo: o de ver os seus filhos galgarem um nível econômico e cultural superior ao que eles puderam atingir. Se isto acontecer nas novas colônias, os pais também ficarão satisfeitos e a primeira geração será assimilada mais depressa do que o tem sido muitas vezes no passado.

Não duvido que a colonização dos campos dos planaltos do Brasil meridional, de acordo com os princípios que expus, seria plenamente coroada de êxito. Vou mesmo mais longe: mais cedo ou mais tarde, os colonos da mata e os fazendeiros luso-brasileiros da região teriam que adotar o tipo intensivo de agricultura, a fim de poderem competir com os colonos do campo. Desta forma, eles restaurariam a fertilidade dos seus solos, que estão deteriorados e esgotados pelo excesso de cultivo e pelas queimadas, mas que geralmente têm sofrido muito pouca erosão de solo. O resultado da aplicação do sistema rotação de culturas e da adubação em todas as terras dos planaltos do sul do Brasil, quer do campo, quer da mata, quer de vegetação mista de mata e campo, acarretaria um enorme aumento da produção agrícola, tanto vegetal quanto animal, e uma elevação do nível de vida da população rural. Pelo menos uma região do Brasil teria desfeito o secular sistema de separação da agricultura e da pecuária, inaugurando uma nova era da história econômica do Brasil.

Desejo, finalmente declarar que não sou o primeiro a considerar os campos dos planaltos do Brasil como apropriados para o cultivo e

a colonização. Há cem anos AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE escreveu o seguinte acêrca dos campos do Paraná:

“D’après tout ce que je viens de dire, on voit que je n’ai point eu tort de surnommer les Campos Geraes le *Paradis terrestre de Brésil*. De toute les parties de cet empire que j’avais parcourues jusqu’alors, il n’en est aucune où l’on pût établir avec plus de succès une colonie de cultivateurs européens; ils y trouveraient un climat tempéré, un air pur, les fruits de leur pays, un terrain où, sans des efforts extraordinaires, ils pourraient se livrer à tous les genres de culture auxquels ils sont accoutumés. Comme les habitants du pays, ils élèveraient des bestiaux; ils en recueilleraient le fumier pour fertiliser leurs terres, et, avec un laitage aussi crémeu que celui des contrés montagneuses de la France, ils feraient du beurre et du fromage qui trouveraient des consommateurs des les parties plus septentrionales du Brésil. Quel avantage, par exemple, on eût procuré à ce pays si, au lieu d’envoyer la colonie suisse à Cantagallo (Nova Friburgo), on l’eût établie dans la partie des Campos Geraes; ils auraient enseigné aux anciens habitants les pratiques de l’agriculture européenne, qui sont certainement applicables à cette contrée. Heureux dans leur nouvelle patrie, dont l’aspect leur eût, en certains endroits, rappelé les lieux où ils étaient nés, ils eussent peint le Brésil à leurs compatriotes sous les plus belles couleurs, et cette partie de l’empire eût acquis une population active et vigoureuse.”

*Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine.*  
Tome second. Paris 1851, pp. 29/30.

★

#### RESUMÉ

Le présent article ne se réfère qu’à la colonisation des trois états les plus méridionaux du Brésil par de petits propriétaires ruraux d’origine européenne.

Le Paraná est constitué de l’Est à l’Ouest par une étroite bande littorale et par trois plateaux avec escarpement tourné vers l’Est et doucement incliné vers l’Ouest. Le premier, cristallin, a de 800 à 900 mètres d’altitude; le second, formé de sédiments paléozoïques descend de 1 100 mètres à 700 mètres environ; quant au troisième, constitué de coulées mésozoïques, il a une altitude variant entre 1 100 mètres et 300 mètres dans le Paraná, mais descendant jusqu’à 100 mètres dans le Rio Grande do Sul.

Dans l’Etat de Santa Catarina, le premier plateau a été détruit par l’érosion des rivières du versant atlantique et le second est très réduit. Dans le Rio Grande do Sul, le troisième plateau seul subsiste.

Le littoral du Paraná et du nord de Santa Catarina a un climat tropical. Le reste de la côte de ce dernier Etat et les parties inférieures des vallées jusqu’à la côte de 400-500 mètres ont un climat plus doux. On y trouve des forêts latifoliées et des sols fertiles bien que pierreux. La situation du littoral et du flanc de la Serra do Rio Grande do Sul jusqu’à l’altitude de 300 mètres est semblable. Aussi, ces vallées ont été très recherchées par les colons.

Le plateau est revêtu pour 1/3 ou 1/4 de sa surface par des prairies naturelles et en sa plus grande partie de forêts d’araucarias. Celles-ci étaient le domaine des Indiens, jusqu’au moment où, après l’indépendance, le gouvernement brésilien décida de les coloniser avec des Européens, fondant São Leopoldo (1821) et Rio Negro (1829) à chacune des extrémités de la forêt, et S. Pedro de Alcântara (1829) à la limite occidentale du peuplement de Santa Catarina.

Dans le Rio Grande do Sul, une fois terminées les luttes civiles de 1835-1845, le gouvernement de l’Etat fonda les colonies de Santa Cruz et de Santo Angelo qui devaient faciliter l’accès des prairies du *Planalto*. Les forêts situées entre Santa Cruz et São Leopoldo furent alors rapidement colonisées par des allemands sur l’initiative de particuliers. Entre 1870 et 1890, le gouvernement impérial colonisa, avec des italiens du nord, toute la partie orientale du *Planalto*. La partie occidentale fut colonisée à partir de 1890, tout d’abord le long de la voie ferrée, et, ensuite, en suivant la haute vallée de l’Uruguai. Dans ces régions, le Gouvernement de l’Etat organisa des colonies ethniquement hétérogènes, tandis que les particuliers, spécialement les allemands conservaient le principe de l’homogénéité ethnique. De nos jours, il n’y a plus de zones pionnières importantes dans le Rio Grande do Sul.

Dans l’Etat de Santa Catarina, la colonisation par compagnies particulières fut beaucoup plus importante que la colonisation officielle. Entre 1850 et 1938, toute la vallée de l’Itajaí fut

occupée, formant une surface vaste et massive où la colonisation allemande est prédominante. Les prairies du second plateau étaient déjà occupées par de grandes fermes de bétail. La colonisation de l'ouest commença par la vallée du Rio do Peixe avec des colons du Rio Grande do Sul, qui, à partir de 1815, s'en sont allés s'installer au bout de la voie ferrée qui venait de São Paulo. Aujourd'hui encore des colons allemands et italiens font avancer le front pionnier à partir de la vallée de l'Uruguai vers le Nord.

La colonisation du Paraná commença plus tardivement. Entre 1870 et 1890 un système de petites colonies fut créé autour de Curitiba pour approvisionner le marché de la ville. On fit de même à Ponta Grossa, Castro et Lapa. Durant les vingt premières années de ce siècle, plusieurs colonies furent fondées dans les forêts de la partie ouest du second plateau, certaines ont bien réussi, d'autres ont échoué. Le nord du troisième plateau fut colonisé par la compagnie actuelle des Terres Nord du Paraná, avec des colons d'origines diverses, mais avec prédominance de luso-brésiliens. C'est peut-être le plus grand plan de colonisation de l'Amérique du Sud. Les principaux produits commerciaux de la région sont le café et le coton. Le sud-ouest du Paraná se peuple de colons venus du Rio Grande do Sul.

Pour donner une idée de l'importance de la colonisation dans les trois Etats, l'auteur donne, dans la page... une table du nombre de colons allemands, italiens et slaves et la met en rapport avec les surfaces et les populations totales de chaque Etat.

Quant aux systèmes agricoles employés par les colons, l'auteur les a divisés en trois étages: 1.° *Le système de rotation primitive des terres.* Dans ce système, le colon cultive la terre exactement à la manière des Indiens: il abat, brûle et plante; son agriculture est une agriculture de subsistance; il ne vend que des porcs et de la graisse; il habite, tout d'abord, une maison faite de feuilles de palmier et ensuite une maison de planches; son niveau social et culturel est extrêmement bas. 2.° — *Le système de rotation améliorée des terres.* — Là, le colon, à côté des cultures indigènes typiques du premier étage, plante aussi: blé, seigle et pommes de terre; il peut ou non utiliser la charrue; il fait encore la rotation des terres, brûlant ou retournant la terre encore couverte par la "capoeira";<sup>1</sup> il n'applique pas de fumier parce qu'il a peu de bétail; l'habitation a des caractéristiques nationales suivant le pays d'origine du colon. 3.° — *Rotation de cultures combinées avec la création de bétail.* Dans ces circonstances, le colon adopte des pratiques agricoles intensives de type européen ou américain: il crée un troupeau et le garde à l'étable; il recueille le fumier et le répand sur les terres; il cultive une grande variété de plantes pour l'alimentation de sa famille, pour vendre et pour donner comme fourrage au bétail; il emploie la charrue; il a un niveau de vie élevé, comparable à celui de l'agriculteur moyen des Etats-Unis.

L'auteur estime que 5% seulement des colons ont atteint le 3ème étage; 50% vivent dans le second sur des terres non épuisées et 45% se placent dans le 1er ou sont en voie de décadence ou de stagnation dans le second étage. Quant à la situation économique, 25% vivent bien, 50% sont modérément prospères et 25% sont pauvres. L'auteur attribue les causes de cette situation aux facteurs suivants: 1.° — les colons venus d'Europe étaient pauvres et peu expérimentés en agriculture; 2.° — la colonisation officielle a cherché à peupler des régions inhabitées et ne se sont pas préoccupés de la proximité des marchés urbains; 3.° — présumant que les colons appliqueraient des systèmes agricoles extensifs on aurait du leur concéder des lots plus grands. Pour ceux qui adoptent la rotation des terres l'auteur présente des arguments en faveur de la cession de lots de 55 à 65 hectares en bonnes terres et de 80 à 105 hectares en terres pauvres.

Le peuplement dans les forêts du sud du Brésil est de type dispersé. Les colons qui sont allés habiter dans les villes, (environ 40% des immigrants) suivirent le progrès du monde alors que la population rurale est généralement à un niveau arriéré.

Les conditions des trois colonies prospères situées en terres de prairies dans l'Etat de Paraná sont étudiées dans la seconde partie de l'article. Ces colonies sont: Carambei, colonisée par des hollandais; Terra Nova par des allemands et Boqueirão — Curitiba par des mennonites venus de Russie. Dans ces trois colonies on emploie le système agricole intensif avec rotation de cultures combinée avec la création de bétail.

L'auteur rappelle alors que le problème de la culture des champs au sud du Brésil est analogue à celui du Middle-West américain. Dans ce dernier, la principale question était de rompre la pelouse coriacée sur laquelle il est nécessaire d'appliquer le fumier et les engrais. Aussi, seuls les colons possédant du capital et capables d'appliquer des procédés agricoles intensifs doivent peupler les prairies du Brésil méridional. C'est là la solution proposée par l'auteur pour améliorer la situation de notre agriculture et de notre colonisation.

Afin d'offrir de plus grandes facilités pour l'adaptation et le progrès des colons européens au sud du Brésil, l'auteur fait, à juste titre, trois recommandations: 1.° — chaque colonie doit représenter une unité ethnique; 2.° — chaque communauté doit être uniforme, non seulement ethniquement, mais aussi au point de vue religieux; 3.° — les colonies étrangères doivent toujours être dotées de professeurs réellement bons.

#### RESUMEN

Se estudia aquí la colonización extranjera en los Estados meridionales de Brasil: Paraná, Santa Catarina y Rio Grande do Sul.

Paraná está constituido de este a oeste por corta faja costera y tres planaltos con escarpa vuelta para este y suavemente inclinados hacia la parte occidental. El primer, cristalino, tiene 800 a 900 metros de altitud; el segundo, de sedimentos paleozoicos, con la altitud mínima de 700 metros y finalmente el tercer, constituido de derrames mesozoicos, tiene la altitud máxima de 1 100 metros y la mínima de 300 metros en el Estado de Paraná, y 100 metros en Rio Grande do Sul.

En el Estado de Santa Catarina tuvo lugar la destrucción completa del primer planalto y la reducción del segundo en virtud de la erosión fluvial sobre la encosta del Atlántico. En Rio Grande do Sul sólo el tercer planalto se mantiene.

El litoral de Paraná y el del norte de Santa Catarina poseen clima tropical. Las partes inferiores de los valles hasta la altitud de 400-500 metros son de clima ameno, y suelos fértiles. La misma situación se encuentra en la orla costera y en la encosta de la Serra do Rio Grande do Sul hasta la altitud de 300 metros. Por eso, los colonos ocuparon sobre todo los valles.

El 1/3 o 1/4 de la área del planalto se cubre de campos naturales y matas de araucarias, que tuvo su colonización iniciada en el año de 1824 con la fundación de São Leopoldo, y Rio Negro en 1829, en cada una de sus extremidades, y S. Pedro de Alcântara en 1829, en la parte occidental de Santa Catarina.

<sup>1</sup> Végétation résultant d'une forêt dégradée par l'homme.

Sólo a partir de 1845 fué iniciada la colonización en Rio Grande do Sul, con la fundación de Santa Cruz y Santo Angelo.

Las matas situadas entre Santa Cruz y São Leopoldo fueron colonizadas por inmigrantes alemanes. Hacia 1870 y 1890 los italianos ocuparon la parte oriental del Planalto. La zona occidental sólo hacia 1890 tuvo su colonización iniciada, la cual siguió la marcha del ferrocarril hasta el alto valle de Uruguai. En estas áreas el gobierno estableció núcleos étnicamente heterogéneos mientras que en las colonias fundadas por empresas particulares, principalmente las alemanas, predominaron los elementos étnicamente homogéneos.

En Santa Catarina la colonización particular fué más importante que la oficial. Entre 1850 y 1938 tuvo lugar la ocupación total del Valle do Itajaí, en donde predominó el elemento alemán, cuando los campos del segundo Planalto ya eran ocupados por grandes haciendas de ganado.

La colonización de oeste empezó en el valle del Rio do Peixe hacia 1915 con los colonos de Rio Grande do Sul. Aún ahora, alemanes e italianos siguen su marcha hasta el norte, con punto de partida en el valle del Uruguai.

En Paraná la colonización tuvo inicio más tarde, hacia los años de 1870 y 1890, con la creación de pequeños núcleos en las cercanías de Curitiba y en las ciudades de Ponta Grossa, Castro y Lapa. A partir de 1900 a 1920 tuvo lugar la fundación de diversos núcleos de colonización en la mata occidental del segundo planalto, algunos de los cuales fracasaron.

La colonización de la zona septentrional del tercer planalto estuvo a cargo de la "Companhia de Terras Norte do Paraná". Los núcleos son constituidos por lusobrasileños. El algodón y el café son los principales productos del mercado. En la parte suroeste de Paraná la población se compone de colonos provenientes de Rio Grande do Sul.

El autor presenta además datos estadísticos y cuadros comparativos para tornar clara su exposición.

Presenta en seguida la clasificación de los sistemas agrícolas usados por los colonos:

1 — *El sistema primitivo de rotación de tierras*: el colono utiliza los métodos rudimentales de la devastación, quemada y plantación, agricultura de subsistencia, nivel social y cultural muy bajo.

2 — *El sistema de rotación de tierras mejorado*: el colono cultiva el trigo, el centeno etc.; ya hace uso del arado, no utiliza el abono y su habitación conserva las características de su país de origen;

3 — *Rotación de cultivos y ganadería*. El colono ya aplica los procesos de agricultura intensiva, hace uso del arado y del abono en sus plantaciones; las especies cultivadas son muy variadas y se destinan a la alimentación de la familia, a la venta en los mercados y al ganado. Tiene un nivel de vida elevado, igual con el del agricultor medio de los Estados Unidos.

El autor calcula que sólo 5% de colonos pertenecen al tercer sistema; 50% habitan tierras no agotadas, pertenecen al segundo sistema, y finalmente 45% pueden distribuirse en los dos primeros. Cuanto a su situación económica, hay un porcentaje de 25% en condiciones prósperas, 50% en relativo estado de prosperidad y 25% son pobres.

Diversas causas contribuyen para formar esa situación:

1 — los colonos que emigraron de Europa eran pobres y sin experiencia del campo;

2 — La colonización oficial se volvió de preferencia a las áreas deshabitadas, alejadas de mercados urbanos próximos;

3 — El tamaño de los lotes no corresponde a los sistemas de agricultura extensiva aplicados por los colonos.

En el segundo capítulo el autor estudia las condiciones de tres colonias, situadas en los campos de Paraná, a saber: Carambel, Terra Nova y Boqueirão-Curitiba en donde la colonización obtuvo resultados excelentes.

Examina el problema del cultivo en los campos del sur de Brasil, y señala su analogía con el Middle-West americano.

Propone por eso que sólo colonos abastados y con experiencia de los procesos de agricultura intensiva vengan a poblar los campos meridionales del país.

En conclusión apunta tres condiciones importantes para el completo éxito de la colonización extranjera en los Estados meridionales de Brasil: 1 — Cada colonia debe corresponder a una sola unidad étnica; 2 — Cada comunidad tiene que ser uniforme no sólo étnicamente sino también bajo el aspecto religioso; 3 — En los núcleos de colonización no deben faltar buenos profesores.

#### RIASSUNTO

L'autore di quest'articolo studia la colonizzazione dei piccoli proprietari agricoli di origine europea, nei tre Stati più meridionali del Brasile: il Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Il Paraná è costituito da Levante a Ponente da una stretta fascia litoranea e da tre altipiani con pendio ripido verso Est e con soave inclinazione verso Ovest. Il primo altipiano, cristallino, si mantiene sugli 800 e i 900 metri di altitudine; il secondo, costituito da sedimenti paleozoici, scende fino a 700 metri, ed il terzo, che va dai 1.100 e i 300 metri nel Paraná, scende sino a 100 metri nel Rio Grande do Sul.

In Santa Catarina, il primo altipiano fu distrutto dall'erosione dei fiumi del versante atlantico e il secondo fu molto ridotto. Nel Rio Grande do Sul rimane solo il terzo altipiano.

Il litorale del Paraná e quello del Nord di Santa Catarina hanno un clima tropicale. Il resto della costa di questo Stato ed i tratti inferiori delle valli fino all'altitudine di 400-500 metri presentano clima più ameno, foreste di latifoglie e suoli fertili sebbene pietrosi. La parte litoranea e il pendio della "Serra" del Rio Grande do Sul fino alla quota di 300 metri hanno situazione uguale alla precedente. Perciò la colonizzazione si sviluppò soprattutto in queste valli.

Un terzo o un quarto dell'area dell'altipiano è rappresentato da campi naturali e nella sua maggior parte da foreste di araucarie, dove ebbe inizio la colonizzazione con la fondazione di São Leopoldo (1824), di Rio Negro (1829) in una delle estremità, e di São Pedro di Alcântara (1829) al limite occidentale della zona di popolamento in Santa Catarina.

Le colonie di Santa Cruz e Santo Angelo, nel Rio Grande do Sul, sono state stabilite dal governo, dopo le lotte civili (1835-1845). Le foreste fra Santa Cruz e São Leopoldo sono state colonizzate da immigranti tedeschi per iniziativa privata. Tra il 1870 e il 1890 gli Italiani del Nord hanno occupato tutta la parte orientale dell'altipiano. La regione occidentale è stata colonizzata solo dal 1890, seguendo il percorso della rete ferroviaria fino all'alta valle dell'Uruguai. In queste zone il governo organizzò delle colonie etnicamente eterogenee, mentre in quelle non ufficiali, soprattutto di tedeschi — fu applicato il principio dell'omogeneità etnica.

Attualmente non ci sono zone pioniere importanti nel Rio Grande do Sul.

In Santa Catarina la colonizzazione privata fu più importante che quella promossa dal governo. Tra il 1850 e il 1938 tutta la valle dell'Itajaí è stata occupata nella sua maggior parte da coloni tedeschi. Nei campi del secondo altipiano c'erano già grandi fattorie di bestiame. La colonizzazione ad Ovest cominciò nella valle del Rio do Peixe nel 1915. Ancora oggi, Tedeschi ed Italiani avanzano verso il Nord, muovendo dalla valle dell'Uruguai.

La colonizzazione del Paraná ebbe inizio più tardi. Tra il 1878 e il 1890 sono stati stabiliti piccoli nuclei intorno a Curitiba e nelle città di Ponta Grossa, Castro e Lapa.

Dal 1900 al 1920 varie colonie furono fondate nell'estremità occidentale delle foreste del secondo altipiano; alcune tuttavia non prosperarono. La regione settentrionale del terzo altipiano fu colonizzata dalla "Companhia de Terras Norte do Paraná". I nuclei di questa colonizzazione furono costituiti soprattutto da Luso-Brasiliiani. È forse il maggior nucleo di colonizzazione del continente sudamericano. Il cotone ed il caffè sono i principali prodotti commerciali della regione... A Sud Ovest del Paraná il popolamento si fa con coloni provenienti dal Rio Grande do Sul.

Per dare un'idea dell'importanza della colonizzazione nei tre Stati meridionali, l'autore presenta dati statistici sul numero d'immigranti tedeschi, italiani e slavi, e lo confronta poi con le aree e le popolazioni totali di ognuno di quegli Stati.

L'autore presenta in seguito la classificazione dei sistemi agricoli impiegati dai coloni: 1.º — *Il sistema della rotazione di terre primitivo* — Il colono coltiva la terra come lo facevano gli indigeni: taglia, brucia e pianta; agricoltura di sostegno, livello di vita sociale e culturale molto basso. 2.º — *Il sistema di rotazione di terre migliorato* — Oltre le colture del primo sistema, il colono coltiva anche il grano, la segale e la patata; fa uso dell'aratro; pratica ancora la rotazione di terre col fuoco, ecc.; non impiega concime, perchè il bestiame è scarso; l'abitazione conserva le caratteristiche del paese di origine dell'immigrante. 3.º — *Rotazione di colture ed allevamento del bestiame* — Il colono in questo sistema adotta i metodi dell'agricoltura intensiva di tipo europeo o americano; fa uso dell'aratro e del concime; le coltivazioni son molto svariate; il tenor di vita è più elevato.

L'autore stima che solo il 5% dei coloni abbia raggiunto il terzo sistema; il 50% abita terre non esauste, ed il 45% si trova nel primo sistema o nel periodo di decadenza o ristagno del secondo sistema. Di questi coloni, il 25% è in condizioni di prosperità, il 50% in relativa situazione di prosperità, ed il 25% in stato di povertà.

L'autore rivela le cause di questa situazione:

1 — Gli immigranti provenienti dal continente europeo erano poveri e senza esperienza di agricoltura; 2 — la colonizzazione ufficiale si concentrò nelle aree disabitate, non vicine ai mercati della città; 3 — I coloni dovrebbero ottenere terreni più grandi, in proporzione coi sistemi di agricoltura estensiva adottati.

Nel secondo capitolo l'autore studia la situazione delle tre colonie, stabilite nella regione dei Campi di Paraná, cioè: Carambei, Terra Nova e Boqueirão-Curitiba, dove la colonizzazione ha ottenuto eccellenti risultati. In tutte e tre si usa il sistema di agricoltura intensiva combinato con l'allevamento del bestiame.

Ricorda allora che il problema della colonizzazione dei campi nel Sud del Brasile è analogo a quello del Middle-West americano. Propone perciò che soltanto gli immigranti di una certa agiatezza e con esperienza dei metodi di agricoltura intensiva vengano a popolare i campi del Brasile meridionale.

Concluendo, l'autore rivela tre condizioni importanti da considerare nella soluzione del problema della colonizzazione straniera negli Stati meridionali del Brasile, cioè: 1 — Ogni colonia deve costituire una sola unità etnica; 2 — Ogni comunità dev'essere uniforme, non solo etnicamente ma anche dal punto di vista religioso; 3 — Le colonie straniere devono possedere buoni maestri.

#### SUMMARY

This article refers solely to the colonization of the three southern States of Brazil by small rural proprietors of European origin.

Paraná is formed, from East to West, by a narrow tract of coast and three high plains with slope towards the East and lightly inclined towards the West. The first high plain, crystalline, is 800 to 900 meters high; the second, of paleozoic sediments, falls from 1,100 to 700 meters; and the third, of mesozoic dissemination, between 1,100 and 300 meters high in Paraná, falls to 100 meters in Rio Grande do Sul.

The first high plain in Santa Catarina was destroyed by the erosion of rivers flowing into the Atlantic and the second is very reduced. In Rio Grande do Sul only the third high plain exists.

The littoral of Paraná and of the North of Santa Catarina has a tropical climate. The remaining coast of the latter State as well as the lower part of the valley up to 400-500 meters enjoy a milder climate, are covered by broad-leaved trees and their soil is fertile although stony. The situation of the littoral and of the slope of Serra do Rio Grande do Sul up to 300 meters is similar. Due to this, these valleys were chosen by the colonists.

The high plain, with the exception of one third or one quarter, which is covered by natural grasslands, is almost entirely lined with pinewoods. These woods were the domain of the natives until, after the declaration of the Independence, the Brazilian Government decided to have them colonized by European and founded São Leopoldo (1824) and Rio Negro (1829) on each of the extreme points of the wood, and São Pedro de Alcântara (1829) to the West of Santa Catarina.

In Rio Grande do Sul, when the civil war of 1835-45 was over, the State government founded the colonies of Santa Cruz and Santo Angelo so as to facilitate the access to the grasslands of the high plain. The woods between Santa Cruz and São Leopoldo were then rapidly colonized by Germans, through private initiative. Between 1870 and 1890 the imperial government had the entire Eastern zone of the high plain colonized by North-Italians. The Western zone was colonized beginning 1890; firstly, all along the railroad and afterwards following the high valley of the Uruguai River. The State government organized in those areas ethnically heterogeneous colonies, whereas the private individuals, especially the Germans, maintained the principle of ethnical homogeneity. Nowadays, there are no longer important pioneer zones in Rio Grande do Sul.

In Santa Catarina the colonization by private companies was much more important than that effected by the Government. Between 1859 and 1928 the valley of the Itajaí was entirely occupied,

forming an extended area with settlements where the German colonist prevailed. The fields of the second high plain had already been occupied by large cattle farms. Colonization of the West started at the valley of Rio do Peixe with colonists of Rio Grande do Sul who, beginning 1915, settled wherever the constructions of the railroad from São Paulo stopped. Today, German and Italian colonists are still making the pioneer front advance from the Uruguay valley up to the North.

The colonization of Paraná was started at a later date. Between 1870 and 1890 a system of small settlements was created around Curitiba in order to supply the market of that city. The same thing was done in relation to Ponta Grossa, Castro and Lapa. During the first twenty years of this century several colonies were founded in the woods of the Western part of the second high plain, of which a few prospered, whereas others resulted in a failure. The North of the third high plain was colonized by Cia. de Terras Norte do Paraná with colonists of various origins, Portuguese-Brazilians prevailing. It is perhaps the greatest colonization plan of South America. The principal commercial products of that region are coffee and cotton. The South-East of Paraná is being occupied by colonists from Rio Grande do Sul.

To give an idea of the importance of the colonization of the three States, the author gives on page . . a chart showing the number of German, Italian and Slavonic colonists and compares it with the areas and total population of each State.

As regards the agricultural systems employed by the colonists, the author divides them into three stages: 1) — *System of primitive land rotation* — Under this system the colonist cultivates the ground exactly in the same manner as the native: he hews down, burns and plants; his agriculture is a means of subsistence; he only sells pigs or fat; he lives first in a hut of palm leaves and later on in a wooden cottage; his social and cultural level is extremely low. 2) — *System of improved land rotation* — Aside from the typical agricultural native products of the first stage, the colonist also plants wheat, rye and potatoes; he may or may not use the plough; he tills the ground, burning or merely mowing the thickets; he does not apply dung because he has not much cattle; his house has the national characteristics of his native country. 3) — *crops rotation combined with cattle breeding* — Under these circumstances, the colonist adopts the practice of intensive agriculture of European or American type; he raises cattle in stables; he uses the dung in his plantations; he cultivates a great variety of plants for the alimentation of his family, for selling, and to be used as forage for his cattle; he uses the plough; he has a high living standard, which can be compared with that of the average farmer in the United States.

The author is of the opinion that only 5% of the colonists have reached the third stage: 50% live in the second, on unexhausted ground, and 45% are in the first stage or in the phase of decay or stagnation of the second stage. As to their economic situation, 25% should be well off, 50% moderately prosperous and 25% in poor conditions. The author attributes the causes of this situation to the following factors: 1 — the European colonists were poor and had little experience in agriculture; 2 — the government endeavored to populate uninhabited areas and did not care whether there were cities in the vicinity; 3 — assuming that the colonists would adopt extensive agricultural systems, they should have been granted bigger areas of land. For those who adopt the system of alternate ground tillage, the author favors the granting of areas of between 55 and 65 hectares of fertile land and of 80 to 105 hectares of poor land.

The social level of the population of the woods of the South of Brazil is of a varying type. While the colonists who settled in the cities — about 40% of the immigrants — accompanied the progress of the world, the rural population generally lives on a very low level.

In the second part of this article the author studies the conditions of three prosperous settlements situated in the State of Paraná, which are: Carambel, colonized by Dutch, Terra Nova, by Germans, and Boqueirão-Curitiba, by "menonites" from Russia. In these three colonies the intense agriculture system of crops rotation combined with cattle breeding has been adopted.

The author then recalls that the problem of cultivation of the steppes in the South of Brazil is comparable with that of the American Middle-West. In the latter, the principal question was the grubbing up of coriaceous turf; in the former, it is necessary to apply dung and artificial fertilizers. Therefore, only those colonists who own some means and are able to adopt intensive agricultural processes should settle in the fields of Southern Brazil. This is the solution proposed by the author, intended to improve the situation of our agriculture and colonization.

In order to facilitate the adaptation and progress of the European colonists in the South of Brazil, the author makes three recommendations: 1) Each settlement should represent an ethnical unity; 2) Each community should be uniform ethnically as well as from a religious standpoint; 3) the foreign settlements should always have really good teachers.

#### ZUSAMMENFASSUNG

Es handelt sich in der vorliegenden Abhandlung nur um die Besiedelung der drei südlicheren Staaten Brasiliens durch kleine Landbesitzer europäischer Abkunft.

Paraná ist, von Osten nach Westen, durch einen schmalen Küstenstreifen und drei, mit nach Osten gewandter Böschung, sanft nach Westen geneigte Hochebenen gebildet. Die erste Hochebene ist 800 bis 900 Meter hoch; die zweite sinkt von 1.100 bis ungefähr 700 Meter herab, und die dritte misst zwischen 1.100 und 300 Meter in Paraná und sinkt bis auf 100 Meter in Rio Grande do Sul.

In Santa Catharina ist die erste Hochebene durch die Erosion der im Atlantischen Ozean mündenden Flüsse zerstört worden, und die zweite ist sehr verringert. In Rio Grande do Sul besteht nur noch die dritte Hochebene.

Die Küste Paraná's und nördlich von Santa Catarina hat ein tropisches Klima. Die übrige Küste dieses letzteren Staates und die Täler bis auf 400-500 Meter erfreuen sich eines milderen Klimas, sind von breitblättrigen Bäumen bedeckt, und der Boden ist fruchtbar, wenn auch steinig. Die Lage der Küste und des Abhanges des Rio Grande do Sul Gebirges bis auf 300 Meter Höhe ist gleichförmig. Deswegen sind diese Täler viel von den Ansiedlern gesucht worden.

Ein Drittel oder ein Viertel dieser Hochebene ist von natürlichen Weiden und ein grösserer Teil von Araukariendwäldern bedeckt. Diese Wälder waren das Gebiet des Eingeborenen, bis die brasilianische Regierung nach der Unabhängigkeitserklärung beschloss, sie durch Europäer zu kolonisieren, und São Leopoldo (1824) und Rio Grande (1839) an den äussersten Grenzen des Waldes und São Pedro de Alcântara (1829) an die westliche Grenze der Ansiedlungen in Santa Catarina gründete.

Nach dem Bürgerkriege (1835-45) gründete die Staatsregierung die Ansiedlungen Santa Cruz und Santo Angelo in Rio Grande do Sul, die den Zugang zu den Feldern der Hochebene

erleichtern sollten. Die Wälder zwischen Santa Cruz und São Leopoldo wurden dann durch Privatinitiative schnell von Deutschen kolonisiert. Zwischen 1870 und 1890 führte die kaiserliche Regierung norditalienische Ansiedler in der östlichen Hochebene ein. Ab 1890 wurde der westliche Teil dieser Hochebene kolonisiert, zuerst die Strecke längs der Eisenbahn und später das Oberthal des Uruguai-Flusses. In dieser Gegend errichtete die Staatsregierung ethnisch heterogene Ansiedlungen, während die Privatpersonen, insbesondere die Deutschen, sich an den Grundsatz der Homogenität hielten. Heutzutage bestehen keine wichtigen Pionierzonen mehr in Rio Grande do Sul.

In Santa Catarina war die Kolonisierung durch Privatgesellschaften viel wichtiger als die offizielle. Zwischen 1850 und 1938 wurde das ganze Itajaí-Tal besetzt, wo sich eine dichte hauptsächlich aus Deutschen bestehende Ansiedlung bildete. Die Felder der zweiten Hochebene waren schon mit grossen Viehzuchtfarmen besetzt. Die Kolonisation des westlichen Teiles begann im Tale des Peixe-Flusses, mit Ansiedlern aus Rio Grande do Sul, die sich ab 1915 in der Nähe der Schienenspitzen der von São Paulo her angelegten Eisenbahn niederliessen. Noch heute lassen deutsche und italienische Ansiedler die Pionierfront vom Uruguay-Tale bis zum Norden vorrücken.

Die Kolonisation Paranas wurde später begonnen. Zwischen 1870 und 1890 wurden rings um Curitiba kleine Ansiedlungen gegründet, um den Stadtmarkt zu versorgen. Dasselbe geschah in Ponta Grossa, Castro und Lapa. In den ersten 20 Jahren dieses Jahrhunderts wurden verschiedene Ansiedlungen in den westlichen Wäldern der zweiten Hochebene angelegt, von denen einige gediehen, während andere missglückten. Der Norden der dritten Hochebene wurde durch Cia. de Terras Norte do Paraná kolonisiert, die dort Ansiedler verschiedener Nationalitäten, insbesondere Luso-Brasilianer, unterbrachte. Dieser ist vielleicht der grösste Kolonisierungsplan Südamerikas. Die hauptsächlichsten Erzeugnisse jener Gegend sind Kaffee und Baumwolle. Der Nordwesten Paranas wird von Ansiedlern aus Rio Grande do Sul bevölkert.

Um die Wichtigkeit der Kolonisation in den drei Staaten zu zeigen, gibt der Verfasser auf Seite ... eine Tabelle der Zahl deutscher, italienischer und slawischer Ansiedler, und vergleicht sie mit den Flächen und Einwohnerzahl der einzelnen Staaten.

Die von den Kolonisten angewandten Landwirtschaftsmethoden hat der Verfasser in drei Stadien eingeteilt: 1.) — *Primitive Landwirtschaft* — Der Ansiedler bebaut das Feld unter diesem Verfahren in genau derselben Weise wie die Eingeborenen: er rodet, brennt und pflanzt; er führt Landwirtschaft für seinen Unterhalt und verkauft nur Schweine oder Fett; anfangs wohnt er in einer Palmblätterhütte, die er später durch eine Holzhütte ersetzt; sein gesellschaftliches und kulturelles Niveau ist äusserst niedrig. 2.) — *Verbesserte Landwirtschaft* — Hier, ausser den einheimischen typischen Pflanzungen der ersten Kategorie, pflanzt der Ansiedler auch Weizen, Roggen oder Kartoffeln; er bedient sich des Pfluges oder nicht; er betreibt noch die Wechselwirtschaft, indem er das Gehölz abbrennt oder nur ausrottet; er verwendet keinen Dünger, weil er wenig Vieh hat; die Wohnungen haben das Gepräge der Häuser im Vaterland des Ansiedlers. 3.) — *Fruchtwechselwirtschaft und Viehzucht* — Unter diesen Umständen, betreibt der Ansiedler intensive Landwirtschaft nach europäischem oder amerikanischem Muster: er zieht das Vieh in Ställe auf, sammelt den Dünger, den er im Ackerbau gebraucht; er züchtet verschiedene Pflanzensorten für den Unterhalt der Familie, zum Verkauf und als Viehfutter verwendbar; er arbeitet mit dem Pfluge; er hat eine höhere Lebensführung, welche mit der des mittelmässigen amerikanischen Landwirts verglichen werden kann.

Der Verfasser ist der Meinung, dass nur 5% der Ansiedler das dritte Stadium erreicht haben; 50% leben im zweiten Stadium, auf unerschöpftem Boden, und 45% sind noch im ersten Stadium, nämlich, in der Periode des Verfalles oder der Stagnation des zweiten Stadiums. Was die landwirtschaftliche Lage anbetrifft, sind 25% wohlhabend, 50% geniessen einen mässigen Wohlstand und 25% leben in armen Verhältnissen. Diese Lage wird von dem Verfasser den folgenden Faktoren zugeschrieben: 1. — Die Regierung hat nur danach getrachtet unbewohnte Flächen zu bevölkern, ohne sich zu kümmern, ob Städte in der Nähe waren; 3. — Unter der Voraussetzung, dass die Ansiedler umfangreiche landwirtschaftliche Methoden anwenden würden, hätten sie grössere Bodenparzellen erhalten sollen. Der Verfasser ist der Ansicht, dass denjenigen, die die Wechselwirtschaft betreiben, 55 bis 65 Hektare fruchtbaren Bodens und 80 bis 105 Hektare dürrtigen Bodens anvertraut werden sollten.

Die Lebensführung der Bevölkerung der südbrasilianischen Wälder ist verschieden. Die Ansiedler, die sich in den Städten niederliessen, ungefähr 40% der Immigranten, begleiten den Fortschritt der Welt, während das Niveau der Landbewohner im allgemeinen sehr niedrig ist.

Im zweiten Teile dieser Abhandlung wird die Lage dreier erfolgreichen, auf bestellbarem Steppboden im Staate Paraná gelegenen Ansiedlungen studiert, nämlich, Carambei, durch Holländer, Terra Nova, durch Deutsche, und Boqueirão-Curitiba, durch aus Russland Stammende "Menoniten" kolonisiert. In diesen drei Ansiedlungen wird die intensive Ackerbaumethode mit Fruchtwechselwirtschaft und Viehzucht betrieben.

Der Verfasser macht darauf aufmerksam, dass das Problem der Feldbestellung in Nordbrasilien dem des amerikanischen Middle-West ähnlich ist. In diesem handelt es sich hauptsächlich darum, das zähe Grass auszurotten; in jenem ist es nötig Mist und künstlichen Dünger anzuwenden. Es sollten sich deshalb nur vermögende Ansiedler und solche, die fähig sind intensive Landwirtschaftsmethoden zu betreiben, auf südbrasilianischen Feldern niederlassen. Diese ist die Lösung, die der Verfasser vorschlägt, um die Lage unserer Landwirtschaft und unserer Kolonisation zu verbessern.

Um die Anpassung und Fortschritt der europäischen Ansiedler in Südbrasilien zu erleichtern, macht der Verfasser mit Recht drei Empfehlungen: 1.) jede Ansiedlung sollte eine ethnische Einheit darstellen; 2.) jede Gemeinde sollte gleichartig sein, sowohl vom ethnischen wie auch vom religiösen Standpunkt aus betrachtet; 3.) die ausländischen Ansiedlungen sollten immer mit wirklich guten Lehrern versorgt werden.

#### RESUMO

Tiu artikolo traktas nur pri la koloniigo de la tri plej sudaj Statoj de Brazilo, fare de malgrandaj bienuloj de eŭropa deveno.

Paraná konsistas, de oriento okcidenten, el unu mallarga marborda strio kaj tri platajoj, inter 1.100 kaj 300 metroj en Paraná, malaltiganta ĝis 100 metroj en Rio Grande do Sul.

En Santa Catarina, la unua platajo estas detruita de la erozio de la riveroj de la atlantika deklivo, kaj la dua estas tre malgranda. En Rio Grande do Sul nur la tria platajo ekzistadas.

La marbordo de Paraná kaj de nordo de Santa Catarina havas tropikan klimaton. La resto de la marbordo de ĉi tiu ŝtato kaj la pecoj malsupraj de la valoj ĝis la nivelaiteco de 400-500 metroj, havas klimaton pli mildan; ili estas kovritaj de arbaroj larĝfoliaj kaj havas grundojn

produktemajn, kvankam ŝtonajn. La situacio de la marbordo kaj de la deklivo de Serra do Rio Grande do Sul ĝis la alteco de 300 metroj estas simila. Tial, tiuj valoj estis multe serĉataj de la kolonianoj.

La plataĵo estas kovrita, sur 1/3 aŭ 1/4 de sia areo, de naturaj kampoj kaj, en sia plej granda parto, de araŭkariaj arbaroj. Ĉi tiuj estis la propraĵo de la indigenoj, ĝis, post la sendependeco, la brazila registaro decidis kolonigi ilin per eŭropanoj, fondante São Leopoldo (1824) kaj Rio Negro (1829) ĉe ĉiu el la ekstretoj de la arbaro, kaj S. Pedro de Alcântara (1829) ĉe la limo okcidenta de la loĝatigo en Santa Catarina.

En Rio Grande do Sul, post la finiĝo de la interna milito de 1835-1845, la ŝtata registaro fondis la koloniojn Santa Cruz kaj Santo Ângelo, kiuj devus faciligi la aliron al la kampoj de la Plataĵo. La arbaroj inter Santa Cruz kaj São Leopoldo estis tiam rapide koloniigitaj de germanoj, pro iniciativo de privatuloj. Inter 1870 kaj 1890 la imperia registaro koloniigis per nordaj italoj la tutan orientan parton de la Plataĵo. Ties okcidenta parto estis koloniigata ekde 1890, unue laŭlonge de la fervojo, poste laŭ la alta valo de Uruguai. En tiuj areoj, la registaro de la ŝtato organizis koloniojn rase heterogenajn, dum la privatuloj, precipe la germanoj, konservis la principon de la homogeneco rasa. Hodiaŭe, jam ne ekzistas gravaj zonoj pioniraj en Rio Grande do Sul.

En Santa Catarina la koloniigo per privataj kompanioj estis multe pli grava ol la oficiala. Inter 1850 kaj 1938, estis okupita la tuta valo de la rivero Itajaí, formante vastan areon, densan je koloniigo ĉefe germana. La kampoj de la 2-a plataĵo jam estis okupitaj de grandaj brutar-bienoĵoj. La koloniigo en okcidento komenciĝis de la valo de rivero Peixe kun kolonioj de Rio Grande do Sul, kiuj ekde 1915 estis enlokiĝantaj ĉe la ekstretoj de la reloj, kiuj venadis el São Paulo. Ankoraŭ nune, germanaj kaj italaj kolonioj antaŭenigas la pioniran fronton ekde la valo de rivero Uruguai norden.

La koloniigo en Paraná komenciĝis pli malfrue. Inter 1870 kaj 1890 estis kreita ĉirkaŭ Curitiba iu sistemo de malgrandaj kolonioj por provizi la urban komercon. La samo estis farita rilate al Ponta Grossa, Castro kaj Lapa. En la du unuaj jardekoj de ĉi tiu jarcento estis fonditaj diversaj kolonioj en la arbaroj de la okcidenta parto de la 2-a plataĵo: iuj bonsukcesis kaj aliaj frakasis. La nordo de la 3-a plataĵo estis koloniigita de la nuna Companhia de Terras Norte do Paraná, kun kolonioj de diversaj devenoj, precipe portugalaj-brazilaj. Ĝi estis eble la plej granda plano de koloniigado en Sudameriko. La ĉefaj komercaj produktoj de la regiono estas la kafe kaj la kotono. La sudokcidento de Paraná estas loĝatigata de kolonianoj venantaj el Rio Grande do Sul.

Por doni ideon pri la graveco de la koloniigo en la tri ŝtatoj, la aŭtoro prezentas, sur la paĝo ...a, tabelon de la nombroj de kolonianoj germanaj, italaj kaj slavaj, kaj ĝin komparas kun la tutaj areoj kaj loĝantaroj de ĉiu ŝtato.

Rilate al la terkulturaraj sistemoj uzataj de la kolonianoj, la aŭtoro ilin dividis en tri stadiojn: 1-a — *La sistemo de primitiva alterna sinsekvado de teroj* — En tiu sistemo la koloniano kulturas la teron ekzakte laŭ la maniero de la indigenoj: dishakas, bruligas kaj plantas; lia terkulturo estas porviva; li nur vendas porkojn aŭ grason; li loĝas unue en domo el palmfolioj kaj poste en iu el lignitabuloj; lia socia kaj kultura nivelo estas ekstreme malalta. 2-a — *La sistemo de plibonigita alterna sinsekvado de teroj* — Tiam, la koloniano, krom la indigenaj kulturoj, tipaj de la unua stadio, plantas ankaŭ tritikon, sekalon aŭ terpomon; li povas aŭ ne uzi la plugilon; li faras ankoraŭ alternan sinsekvadon de teroj, bruligante aŭ nur turnante la arbetaron; li ne aplikas sterkon, ĉar li havas malmulte da brutaro; la loĝejo havas karakterizajn naciajn laŭ la devenlando de la koloniano. 3-a — *Alterna sinsekvado de kulturoj kombinata kun la brutar-bredado* — En tiuj ĉirkonstancoj, la koloniano adoptas intensajn terkulturarajn praktikojn laŭ tipo eŭropa aŭ usona: li bredas brutaron kaj ĝin konservas en staloj; li levprenas la sterkon kaj ĝin aplikas al la plugadoj; li kulturas grandan varieton de plantoj por la nutrado de la familio, por vendi kaj por doni kiel furaĝon al la brutaro; li uzas plugilon; li havas aitan vivnivelon, kompareblan al tiu de la meza plugisto en Usono.

La aŭtoro taksas, ke nur 5% de la kolonianoj atingis la 3-an stadion; 50% vivas en la 2-a sur teroj ne elĉerpitaj, kaj 45% estas en la 1-a aŭ en fazo de dekadenco aŭ stagnado de la 2-a stadio. Pri la ekonomia situacio, laŭŝajne 25% estas bone, 50% modere prosperaj, kaj 25% en malriĉaj kondiĉoj. La kaŭzojn de tiu situacio la aŭtoro atribuas al la jenaj faktoroj: 1 — la venintaj eŭropaj kolonianoj estis malriĉaj kaj malmulte spertaj pri terkulturo; 2 — la koloniigo oficiala klopodis loĝatigi areojn neloĝantigitajn kaj ne priokupiĝis pri la proksimeco de urbaj vendejoj; 3 — konjektante, ke la kolonianoj aplikus etendigaĵajn terkulturarajn sistemojn, oni estus devinta doni al ili pli grandajn terpecojn. Por tiuj, kiuj adoptas la alternan sinsekvadon de teroj, la aŭtoro prezentas argumentojn favorajn al la cedado de terpecoj inter 55 kaj 65 hektaroj je bonaj teroj kaj 80 kaj 105 hektaroj je malriĉaj teroj.

La loĝatigo en la arbaroj de la sudo de Brazilo estas disa. La kolonianoj, kiuj iris loĝi en la urboj — ĉirkaŭ 40% el la enmigrintoj — akompanis la progreson de la mondo, dum la kampara loĝantaro estas ĝenerale sur neprogresinta nivelo.

En la dua parto de la artikolo estas studitaj la kondiĉoj de tri bonsukcesintaj kolonioj, situantaj sur teroj de kampo en la ŝtato Paraná. Ili estas: Carambei, koloniigita de nederlandanoj; Terra Nova, de germanoj, kaj Boqueirão-Curitiba, de menonitoj venintaj el Rusujo. En la tri oni uzas la intensan terkulturan sistemon de alterna sinsekvado de kulturoj kombinata kun la brutar-bredado.

La aŭtoro memorigas tiam, ke la problemo de la kampokulturo en la sudo de Brazilo estas analoga al tiu de la usona Middle-West. En ĉi tiu, la ĉefa afero estis sulkrompi la ledmalmolan herbejon; en tiu, estas necese apliki sterkon kaj produktigilojn artefaritajn. Tial, nur kolonianoj posedantaj kapitalon kaj kapablaj apliki procedojn terkulturarajn intensajn devas loĝatigi la kampojn de suda Brazilo. Tiu estas la solvo proponita de la aŭtoro por plibonigi la situacion de nia terkulturo kaj de nia koloniigo.

Por doni pli grandajn facilajojn al la adaptiĝo kaj progreso de la eŭropaj kolonianoj en la sudo de Brazilo, la aŭtoro faras, motivigite, tri rekomendojn: 1-a) Ĉiu kolonio devas reprezenti unu rasan union; 2-a) Ĉiu komuneco devas esti unuforma ne nur rase sed ankaŭ de la religia vidpunkto; 3-a) La fremdaj kolonioj devas havi ĉiam instruistojn reale bonajn.